"DESCONSTRUÇÕES E CONSTRUÇÕES DE IMAGENS DE PERSONAGENS POLÍTICOS NA ANTIGUIDADE E NO MEDIEVO"

IX CICLO INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS DA UNESP

14 A 18 DE JUNHO DE 2021

CADERNO DE RESUMOS

IX CICLO INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS DA UNESP

DESCONSTRUÇÕES E CONSTRUÇÕES DE IMAGENS DE PERSONAGENS POLÍTICOS NA ANTIGUIDADE E NO MEDIEVO.

CADERNO DE RESUMOS

Evento on-line, 14 a 18 de Junho de 2021

unesp

IX CICLO INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS DA UNESP: "DESCONSTRUÇÕES E CONSTRUÇÕES DE IMAGENS DE PERSONAGENS POLÍTICOS NA ANTIGUIDADE E NO MEDIEVO"

Comissão organizadora docente:

Prof.ª Dr.ª Margarida Maria de Carvalho (UNESP/Franca), Prof.ª Dr.ª Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (UNESP/Assis), Prof.ª Dr.ª Natália Frazão José (G.LEIR – UNESP/Franca).

Comissão organizadora discente:

Ana Beatriz Lima de Sousa (UNESP/Assis), Ana Carolina Sotocorno (UNESP/Franca), Bárbara Alexandre Aniceto (UNESP/Franca), Daniel José Ribeiro Vieira (UNESP/Assis), Fernando Shin-Ichi Yabu Kato (UNESP/Assis), Giulia Mariana Gusmão Corrêa (UNESP/Franca), Isabela Casellato Torres (UNESP/Franca), Isabela Pissinatti (UNESP/Franca), João Pedro de Almeida Castro (UNESP/Assis), Júlio César Caetano Costa (UNESP/Franca), Lais Felippe Lucon (UNESP/Franca), Larissa Rodrigues Alves (UNESP/Franca), Leonardo Ferreira Urbano (UNESP/Franca), Luma Vitória Fernanda da Silva (UNESP/Franca), Maria Eduarda Fernandes Silva (UNESP/Franca), Maria Eduarda da Silva Ferraz (UNESP/Franca), Rafaela Manha da Costa (UNESP/Franca), Thaís de Almeida Rodrigues (UNESP/Franca).

Comissão Científica:

Prof. Dr. Álvaro Matias Moreno Leoni (Universidad Nacional de Córdoba, Universidad Nacional de Río Cuarto – Argentina);

Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva (UFES);

Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha (UNESP/Assis);

Prof. Dr. Renan Frighetto (UFPR);

Prof.ª Dr.ª Rita Lizzi Testa (Università degli Studi di Perugia – Itália);

Prof.ª Dr.ª Susana Maria Duarte da Hora Marques Pereira (Universidade de Coimbra – Portugal).

SUMÁRIO

Programação	04
Mesas Redondas	05
Minicursos	21
Simpósios Temáticos	22

PROGRAMAÇÃO

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
09h00m – 12h00m		Simpósios 01 a 04	Simpósios 01 a 04	Simpósios 01 a 04	Mesa 09 *Essa mesa começará às 10h*
14h30m – 16h30m		Mesa 02	Mesa 05	Mesa 07	Mesa 10
17h00m – 19h00m		Mesa 03	Minicursos de 01 a 05	Minicursos de 01 a 05	Minicursos de 01 a 05
19h30m – 21h30m	Abertura e Mesa 01	Mesa 04	Mesa 06	Mesa 08	Mesa 11 e Encerramento.

MESAS-REDONDAS

Mesa 01: "*Construções de Imperadores da Dinastia Júlio-Claudiana: Augusto (30 a.C. – 14 d.C.) e Cláudio (41 – 54 d.C.)".*

- Paulo Martins (USP)

Arte e Poesia na Constituição Perene e Nova do Príncipe.

Esta fala opera a relação entre as tópicas da perenidade e da novidade na arte plástica e na poesia, observadas no período entre 29 AEC e 14 EC em Roma, isto é, na época de Augusto. Observa-se que na arte plástica o período marca a alteração do paradigma plástico a que se deu o nome equivocado de arte "idealista" e estava a serviço da perpetualização da imagem do princeps, respaldada na progressiva construção de seu culto. Na poesia augustana, tipicamente encomiástica, a mudança desse paradigma, além de resvalar na poesia grega arcaica e helenística, enfatiza um novo procedimento poético despertado na geração imediatamente anterior, a dos poetae noui ou os neóteroi. Quanto ao novo estilo plástico, distancia-se da arte plástica republicana e aproxima-se daquela produzida na Grécia clássica e helenística e notadamente foi utilizada para "vender" uma nova imagem do princeps. Curiosamente, pode-se também observar um outro ponto de contato interessante: a intersecção entre a imagem do imperador e a imagem do poeta, o primeiro construindo a cidade eterna e o outro a poesia eterna. Cidade e poesia, ambas eternas, assim como seus agentes, poeta e imperador, ambos, imortais.

- Pedro Paulo Abreu Funari (UNICAMP)

Imagens Contrastantes: O Imperador Cláudio entre a Aristocracia Senatorial e os Emergentes, Tradição Textual e Arqueologia.

A apresentação inicia-se por discutir os conceitos de imagem (*imago*), construção e desconstrução, personagem (*persona*) e político (*polis*, poder). O imperador Cláudio foi retratado por fontes aristocráticas senatoriais de maneira crítica, questionado, entre outros aspectos, por sua atitude favorável a elites provinciais, a mulheres, a negociantes e a libertos, todos marcados pela submissão e pela inferioridade daí derivada. Cláudio aparece, na tradição textual, como Tácito e Suetônio, cheio de defeitos: manco, gago, nerd, próximo de equestres, mulheres e promotor dos libertos. A Arqueologia contribui para fornecer percepçõesdiferentes, como a epigrafia. A tábua de Lyon (CIL XIII, 1668) mostra bem o apreço do imperador Cláudio porprovinciais e mulheres, assim como inscrições de libertos edescendentes atestam o enriquecimento de pessoas de origem servil à época. Atestam isso inscrições (*tituli picti*, pintadas) em paredes de Pompeia, assim como em ânforas, entre outras epígrafes. A historiografia moderna contribuiupara reforçar, por muito tempo, a má fama de Cláudio. Houve, tanto pela evidência arqueológica como pela crescente crítica aos modelos normativos, uma reavaliação da imagem do

imperador Cláudio, mas também das mulheres, dos equestres ou dos libertos, todos acomunados por aspectos da subalternidade.

MESA 02: "*(Des)construções de Imagens: Constantino, Dante e Jacques de Armagnac."*

- Marcus Silva da Cruz (UFMT)

A Fabricação do Imperador: Zózimo e Evágrio na (Des) Construção da Imagem de Constantino.

O Imperador Constantino é uma das figuras fulcrais e incontornáveis da Antiguidade Tardia cujo legado atravessou os séculos até o tempo presente. Um personagem tão importante e poderoso não poderia escapar das discussões e polêmicas, seja entre os intelectuais tardo antigos, seja entre os historiadores modernos. Na historiografia, Constantino já foi interpretado como um político pragmático quase maquiavélico por autores como Jacob Burckhardt ou Henri Grégoire, ou como líder sincrético, ideia defendida por André Piganiol e Jacques Moreau, ou mesmo como um cristão devoto por historiadores como Norman Baynes, Andreas Alföldy e Ramsay MacMullen. Sem prescindir do apoio dos estudos historiográficos acerca da imagem do Imperador Constantino, nosso objetivo nessa oportunidade é discutir a construção ou a fabricação da figura constantiniana a partir de uma análise comparativa de dois autores tardo antigos, a saber: Zózimo e Evágrio Escolástico. A perspectiva analítica visa contemplar tanto os mecanismos argumentativos e retóricos, a partir dos quais os autores retratam o Imperador Constantino, assim como a tensão e o diálogo entre as suas obras.

- Vinicius César Dreger de Araújo (UNIMONTES)

Dante, a Guerra e Suas Representações na Divina Comédia.

Em 2021, celebrar-se-á o sétimo centenário da morte de Dante Alighieri. Esta apresentação visa contribuir às celebrações, analisando um tema menos discutido nas exegeses da obra dantesca, a Guerra. Entretanto, sabe-se que o jovem Dante combateu na linha de frente da cavalaria florentina durante a batalha de Campaldino (1289), contra uma aliança gibelina liderada pelo bispo de Arezzo, Guglielmino degli Ubaldi. Tal experiência foi relatada por Dante em uma carta hoje perdida, mas discutida por Leonardo Bruni. Contudo, como a vivência militar estava mesclada às suas experiências políticas, elementos extraídos direta ou indiretamente de Campaldino e outros recontros podem ser encontrados na Comédia, permitindo-nos construir hipóteses acerca das visões dantescas sobre a guerra.

- Fabiano Fernandes (UNIFESP)

"A (Des) Construção de uma Narrativa de Vida em um Processo Judicial. A Trajetória de Jacques d'Armagnac como o Perfeito Traidor. C. 1450-1477".

O período de reinado de Luís XI é comumente conhecido como uma época de multiplicação de processos de lesa-majestade como meio de pressionar principalmente a alta aristocracia. A multiplicação da capacidade do poder real de levantar informações por meio de um aparato judicial cada vez mais complexo, tornava a guerra da fixação de memórias por escrito bastante desigual na segunda metade do século XV. Os príncipes, por mais que se organizassem por meio de ligas, cartas,selos e promessas, estavam diante de um poder real cada vez mais intrusivo, bem informado por espiões e comissionados, economicamente hegemônico e militarmente muito superior. Contudo, trataremos aqui da trama que condiciona o processo de lesa-majestade *post-mortem* de Carlos, o Temerário, duque de Borgonha de 1467 a 1477. Essa persona condensava uma multiplicidade de imagens, dinamizada pelo fausto de sua corte, pelo poder de seus exércitos e pelo caráter implacável de seu temperamento ao reprimir revoltas urbanas nos países baixos. Logo, compararemos as diversas imagens produzidas sobre o duque com a presente na narrativa do processo *post-mortem*, que o retrata como vassalo felão e súdito traidor.

Mesa 03: *"Representações de Personagens Políticos nas Antiguidades Oriental e Tardia: Alexandre, o Grande, Galo e Rúfio Antônio."*

- Roberto R. Rodríguez (FHCS-UNPSJB –UNPA – UASJ/ Argentina).

"Aspectos de la representación de Alejandro el Grande en las fuentes egipcias y judías"

En el siglo IV a.C. emergió desde Macedonia un joven rey, Alejandro III (luego conocido como Alejandro el Grande), quien, con sus campañas militares en Grecia y hasta el norte de la India, desarticuló el Imperio Aqueménida, convirtiéndose en una gran figura política, dueño de un gran Imperio territorial. Durante sus expediciones y tras su muerte en el año 323 a.c. proliferaron muchísimas producciones narrativas, generando en el ambiente académico una gran dificultad para conocer el grado de veracidad de dichas fuentes, especialmente las grecorromanas, por tener miradas etnocéntricas y filtros de carácter ideológico, literario y cultural que invistieron de elementos moralizantes y míticos al rey macedonio. Nos proponemos analizar las representaciones de Alejandro Magno a partir de fuentes de sociedades dominadas, como la egipcia y la judía, para comprender el tratamiento que estas culturas se apropiaron, reelaboraron y adaptaron la historia y el carácter de este personaje de gran relevancia sociopolítica.

- Júlio Cesar Magalhães de Oliveira (USP)

"Amiano, o César Galo e a multidão: reflexões sobre o livro XIV das *Res Gestae*".

Embora muitas das atitudes tomadas pelo César Galo durante sua estadia em Antioquia, de 351 a 354, especialmente diante da escassez de alimentos,

tivessem sido semelhantes às tomadas pelo imperador Juliano, anos depois, é notória a diferença de tratamento que o historiador Amiano Marcelino concedeu à narrativa do governo de Galo no livro XIV das *Res Gestae.* As razões da antipatia de Amiano por Galo e os vieses de sua narrativa já foram muito discutidas. Nesta comunicação, eu gostaria de retornar a um aspecto específico da narrativa do historiador: as relações entre Galo e a multidão em Antioquia. Meu objetivo é discutir em que medida essas relações revelam, para além dos vieses de Amiano, alguns dos padrões da política imperial e da ação popular na Antiguidade Tardia.

- Viviana Boch (Universidad Nacional de Cuyo – Mendoza/Argentina)

“A propósito de la construcción de la imagen de *Rufius Antonius Agrypinius Volusianus*”.

Los difíciles momentos vividos en los años transcurridos en torno al saqueo de la Ciudad Eterna tuvieron inmediata repercusión en todas las regiones del vasto Imperio. Las elites intelectuales transmitieron, a través del intercambio epistolar sus experiencias, angustias e ideas. La influencia del metadiscurso en la Antigüedad fue de capital importancia para difundir la impronta y la relevancia de destacadas personalidades en el devenir político e ideológico de una época signada por la incertidumbre. Funcionó como agente constructor de imágenes y movilizador de transformaciones en todos los ámbitos de la cultura. Es interés del presente estudio profundizar, a través de la documentación encontrada y los estudios historiográficos existentes, comprender el impacto político, social y religioso que produjo la caracterización realizada de la figura y conversión al cristianismo de un influyente senador pagano del Imperio: el procónsul Rufius Antonius Agrypinius Volusianus.

Mesa 04: *“Três personagens que marcaram o Quatrocentos pelos caminhos que percorreram: um médico humanista, um príncipe letrado, um conquistador.”*

- Dulce Amarante dos Santos (UFG)

“Um médico bávaro atento à expansão do mundo: Jerônimo Münzer”.

Jerônimo Münzer foi um médico humanista oriundo de Nuremberg, que decidiu realizar uma viagem de périplo pelos reinos europeus, durante oito meses no final do século XV. Na volta, a partir de notas, escreveu o *Itinerário,* descrevendo suas impressões acerca das terras por onde perambulou. Esse texto constituiu-se em nossa principal fonte de investigação. O autor alegou, em seu escrito, que a sua principal motivação era a peste que assolava sua cidade, mas, no desenrolar da narrativa, percebe-se o interesse pelo comércio e a expansão portuguesa pelo norte da África. Permaneceu 25 dias no reino português e descreveu em pormenores as experiências na corte joanina em Évora, a agitação da cidade mercantil de Lisboa e a visita à Casa da Mina e às naus. O objetivo deste estudo é analisar quem foi esse letrado estrangeiro, sua inserção no movimento da expansão comercial africana e sua perspectiva externa a esse fenômeno. Ademais, dados seus interesses por esse movimento

mais amplo de expansão, acrescentou um anexo ao seu texto denominado *A Descoberta da Guiné*, a partir de relatos por ele coletados na corte joanina em Évora.

- Susani Silveira Lemos França (UNESP/Franca)

“Um príncipe conquistador: o Infante D. Henrique”

Diversos tipos de viajantes que ajudaram, por suas ações políticas, a dar ao mundo a forma que hoje conhecemos entraram em cena no século XV. Aventureiros, nobres em busca de benefícios e honra, gentis-homens em busca de recompensas materiais, evangelizadores e, entre outros, reis e príncipes cristãos em busca de expandir seus domínios. Nessa altura, uma família portuguesa teve papel significativo na reorganização das forças políticas e na ampliação do conhecimento sobre as margens atlânticas e regiões africanas, atraindo a atenção dos reinos cristãos pelo potencial que os empreendimentos conquistadores no norte da África, nas ilhas atlânticas e a sul do Cabo Bojador anunciavam. Dos membros dessa família, um deles teve sua memória mais engrandecida e entrou para a história com o prestigiado epíteto: o Navegador. É a construção da imagem dessa personagem e o desempenho histórico de um indivíduo que serão examinados nesta comunicação a partir dos escritos que o celebrizaram.

- Douglas Mota Xavier de Lima (UFOPA)

“Um príncipe letrado: o Infante D. Pedro”.

Homem de saber refinado, que legou traduções e escritos que marcaram o humanismo quatrocentista português, conselheiro régio e autor da célebre *Carta de Bruges*, guerreiro cristão empenhado na expansão e na defesa da Cristandade, regente do reino durante a menoridade de D. Afonso V. Muitas são as faces de D. Pedro, duque de Coimbra e filho dos reis fundadores da Dinastia de Avis. Uma das mais marcantes corresponde a sua atuação como viajante e por ela é costumeiramente conhecido pela alcunha de “Infante das Sete Partidas”. A expressão remete a uma dupla viagem, o percurso pela Cristandade latina entre 1425 e 1428 e a viagem literária narrada no *Libro del infante Dom Pedro*. Concentrando a atenção na primeira, a viagem europeia, a comunicação abordará as diferentes etapas da viagem e seus respectivos desdobramentos (saber, guerra, diplomacia etc.), problematizando como o deslocamento foi interpretado ao longo do tempo e como foi usado para a construção da imagem histórica desse príncipe do humanismo quatrocentista português.

Mesa 05: *“Construções memorialistas no medievo: São Pedro Damião, Infante D. Pedro e D. Sebastião.”*

- Cláudia Regina Bovo (UFTM)

“A construção memorialística em torno de São Pedro Damião”

Há quase mil anos, Pedro Damião (1007-1072) é visto pela comunidade cristã como um intercessor espiritual. De santo a doutor da Igreja católica romana, ele se tornou uma importante referência doutrinal. Muitos pensadores dedicaram-se a construir representações sobre sua atuação e obra. Dentre estes testemunhos, dispomos dos registros de seu discípulo, João de Lodi, e posteriormente, no século XIV, das referências de humanistas do porte de Dante Alighieri e Francesco Petrarca. Contemporaneamente, Pedro Damião apareceu em abundante produção literária que se debruçou sobre sua trajetória político-intelectual. Neste sentido, nossa proposta é analisar, neste vasto material literário, a edificação memorialística de Pedro Damião e as recorrentes apropriações históricas que o mobilizaram.

Terezinha Oliveira (UEM)

“A memória como condição de formação e representação do príncipe virtuoso em o ‘Livro da Virtuosa Sabedoria’.”

Refletiremos, nessa exposição, acerca da importância da preservação do conhecimento antigo e escolástico no projeto de formação de príncipe virtuoso apresentado no *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, de autoria do Infante D. Pedro (1392-1449). Os conselhos apresentados pelo autor a D. Duarte, futuro rei do reino português, estão calcados em escritos de Aristóteles, Sêneca, Cícero, Agostinho de Hipona, portanto, em uma plêiade de autoridades responsáveis pela formação moral e filosófica do Ocidente desde a antiguidade. Logo, só foi possível a D. Pedro formular um conjunto de valores sociais, fundamentais às ações de um ‘bom’ governante, porque esses saberes foram preservados pela memória de intelectuais ao longo da história. Desse modo, nosso propósito será explicitar que foi essa preservação dessa longa tradição filosófica que permitiu a D. Pedro formular conselhos que, caso fossem praticados pelo governante, assegurariam a existência de uma sociedade justa e voltada ao bem comum.

- Adriana Maria de Souza Zierer (UEMA)

“O rei Artur e D. Sebastião, o Desejado: memória e ressignificações entre Portugal e o Brasil”.

O objetivo deste trabalho é analisar a figura de D. Sebastião, último soberano da Dinastia de Avis, e suas ressignificações no Brasil e em Portugal. D. Sebastião (1568-1578) morreu na Batalha de Alcácer Quibir no Marrocos contra os mouros. Dois anos após a sua morte, Portugal passou a ser dominado pela Espanha, através da chamada União Ibérica (1580-1640). No reino luso, passou a haver a esperança do retorno do rei “encoberto”, que voltaria para trazer novos dias de glória a Portugal. Essas ideias messiânicas estão relacionadas a outro rei mítico, Artur, que após o seu ferimento mortal em batalha, retirou-se para se curar e irá retornar um dia, quando mais precisarmos dele, para trazer abundância, justiça e felicidade. A memória de D. Sebastião foi trazida ao Brasil, onde adquiriu novos contornos no passado e presente. D. Sebastião é o messias esperado em vários movimentos messiânicos de pessoas pobres no século XIX e início do XX. O mito foi ressignificado até hoje no Maranhão, pois numa localidade distante e de difícil acesso, com topografia que

lembra as dunas do Marrocos, a Ilha dos Lençóis, no município de Cururupu, acredita-se que D. Sebastião está encantado na forma de um touro negro, com uma estrela branca na testa. Um dia, após o desencantamento, o rei messiânico irá trazer riqueza e fartura para os pescadores pobres dessa localidade através da ascensão do reino de Queluz. D. Sebastião, portanto, é um rei que une os elos do passado e presente, Brasil e Portugal através do tempo.

Mesa 06: *"As Humanidades Digitais na análise da Arqueologia Clássica e da História Antiga."*

- Vagner Carvalheiro Porto (MAE – USP)

"Aplicação da técnica de RTI nas moedas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP): desvelando as imagens imperiais romanas."

Esta apresentação tem o objetivo de expor o projeto de pesquisa que coordeno no LARP-MAE-USP, projeto este que visa à aplicação da técnica conhecida como Reflectance Transformation Imaging (RTI). Esta atividade se concentra na digitalização do patrimônio arqueológico do Mediterrâneo Antigo, mais especificamente as moedas romanas antigas, que estão sob a guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Trata-se de uma tecnologia avançada e não invasiva de reflexibilidade da luz, que permite a identificação das moedas bastante gastas e sem visibilidade, tanto no que tange às informações iconográficas quanto referente às legendas destas moedas. O RTI é uma ferramenta importante para revelar minuciosos detalhes de uso não perceptíveis, de compreensão de técnicas no metal, iconografia e padrões de uso das moedas do MAE-USP. O desvelamento de detalhes iconográficos proporcionados pela técnica de RTI nas moedas do MAE permite o aprofundamento de temas concernentes aos imperadores romanos, às mulheres dos imperadores, e a tantas outras esferas da vida no período imperial romano.

- Nelson de Paiva Bondioli (UNESP/Assis)

"A Opacidade dos Bancos de Dados Digitais na Construção do Passado."

Nesta apresentação, abordaremos um tema cada vez mais presente no cotidiano dos historiadores e historiadoras da atualidade: a consulta em bancos de dados digitais para suas pesquisas. Problematizaremos a questão que, apesar de uma aparência transparente e objetiva, o desenvolvimento de um banco de dados implica em uma série de decisões por parte de seus idealizadores que afetam e direcionam de maneira substantiva as possibilidades disponíveis aos usuários. Escolhas desde o tipo de dados que serão gravados, bem como as formas como eles serão transformados em registros, passando pelas problemáticas de recortes, lógica de priorização e organização, trazem à tona a problemática da opacidade destas ferramentas para os pesquisadores.

- Marcio Teixeira-Bastos (UNESP/Assis)

“Urbanismo no Oriente Médio Romano-Bizantino: O ‘Clássico’ no Período de Teodósio (379 – 450 EC) e as Humanidades na Era Digital.”

As Humanidades Digitais emergiram como um valioso instrumento de diálogo entre pesquisadores das mais distintas áreas do saber, exatamente por seu caráter agregador e multidisciplinar. Além do uso de técnicas empíricas e tecnológicas sofisticadas aos inquéritos humanísticos, as chamadas “Humanidades Digitais” integraram novos questionamentos e representam abordagens mais exploratórias, tendo a ambição de modelar as mais distintas sabedorias humanas matizadas de maneiras desafiadoras. O Império Romano no período em questão era tão vasto, assim, é esperado uma enorme variedade entre suas regiões. A era dos gastos extravagantes com a urbanização das cidades antigas no Oriente Médio transformou-se no período em projetos imperiais mais modestos, empreendimentos urbanísticos da Antiguidade Tardia e da primeira metade do período Bizantino. As mudanças urbanas na Antiguidade Tardia foram ocasionadas pela falta de recursos e, nesse sentido, poderíamos analisar o período em questão pelo viés do declínio, se comparado aos séculos anteriores do Império Romano. Os edifícios foram sendo abandonados ou desmantelados para servir a novos propósitos e outros projetos de construção, geralmente, de qualidade considerada inferior ao período anterior. Assim, para fugir da generalização da ideia de declínio e combinar a pesquisa arqueológica com os estudos históricos, epigráficos e numismáticos, proponho-me a apresentar a investigação do potencial urbano e das vitalidades do Oriente Médio no período de Teodósio (379 – 450 EC). A intenção é abordar as principais áreas urbanas desse período específico, principalmente, no que diz respeito às evidências materiais e demonstrar, dessa forma, que os centros urbanos não estiveram tão ativos quanto a novos materiais, mas centrados em reconstruções de grandes escalas. Esse processo deu origem ao que consideramos hoje as principais formas e os elementos típicos da cidade antiga na Antiguidade Tardia. As intervenções urbanísticas estão emaranhadas nas mudanças políticas, sociais e religiosas mais amplas do período. Além disso, recorrerei às análises espaciais e Humanidades Digitais para enfatizar o nível de atividade urbanística na longa duração, especificamente, entre o final do III século EC e o início do VII século EC. Procurarei demonstrar a alternância de períodos de maior atividade urbana, incluindo o eventual renascimento dos “clássicos”; alternando-se com períodos de estagnação e/ou declínio, priorizando, assim, o entendimento das diferenças históricas e materiais entre as dioceses e províncias do Império Romano no Oriente Médio.

- Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (UNESP/Assis) e Cláudia Valéria Penavel Binato (UNESP/Assis)

“O Centro de Pesquisas em Estudos Plinianos (CPEP) e a experiência de tradução e publicação online.”

O objetivo da presente fala é apresentar o projeto que deu origem a um portal na *world wide web* composto por um banco de dados de fontes latinas transcritas e traduzidas para o português. O projeto visa transcrever, traduzir e publicar as fontes para o português, assim como incentivar e publicar resultados de pesquisas sobre esses autores, tanto para pesquisadores de Estudos Clássicos como para o público em geral. O principal objetivo do projeto é criar um centro fomentador de pesquisa em Estudos Latinos do Principado Romano nos seus dois primeiros séculos a partir do estudo acadêmico e científico. Dentre as metodologias do projeto, serão apresentadas as teorias do gênero epistolar e da tradução literária.

Mesa 07: *"Entre os Usos do Passado e as Construções de Modelos Históricos."*

- Glaydson José da Silva (UNIFESP)

"A Itália diante do fascismo: César ou Augusto, qual Roma? Que modelo seguir?"

Pode-se afirmar, hoje, que existe uma bibliografia já bastante consolidada sobre o *culto della romanità* durante o fascismo, particularmente no que se refere ao seu caráter mais geral, como instrumentalização do passado romano com a finalidade de legitimar ideias e valores que vigoraram durante o *ventennio* fascista. Contudo, de uma perspectiva temática, diferentes frentes de estudo só recentemente começaram a ser mais bem exploradas, como: 1. a ideia de que a própria romanidade serviria a um projeto de modernidade da Itália fascista e 2. o lugar ocupado pelo mito de Roma no imaginário coletivo e o papel das instituições (e de historiadores e arqueólogos), o que, particularmente, tem conhecido especial atenção; o *culto della romanità* esteve presente em ambas as frentes mencionadas, em um de seus aspectos definidores: o da mobilização das imagens de César e Augusto durante o fascismo. Essa mobilização se deu, ao longo de todo regime, de formas muito distintas. A associação sistemática da figura de César à de Mussolini e a associação entre a Roma cesarista e a Roma do fascismo foram muito frequentemente realizadas ao longo de todo regime, em diferentes frentes que atravessavam a vida cotidiana dos italianos. Uma inflexão nessas associações e que traz a figura de Augusto ao pináculo acontece, contudo, por ocasião das comemorações do bimilenário do nascimento do *princeps* (1937), fato que orbita a *Mostra Augustea della Romanità*, e toda a trama histórica e arqueológica em torno da liberação do *Mausoléu de Augusto* e do deslocamento, restauração e estabelecimento da *Ara Pacis.* Debruçar-se sobre essas escolhas e motivações em torno do *culto della romanità*, voltadas para César ou para Augusto, pensando-as isoladamente, mas, também, em uma dimensão inalienavelmente comparada, reside na proposta desta comunicação.

- Paula M. Cardozo de Gonzales (Universidad Nacional de Cuyo – Mendoza/Argentina)

"La deconstrucción de la figura de Homero en Dión de Prusa."

Dión de Prusa perteneció a la intelectualidad griega alto-imperial en tiempos en que los rétores vivieron un momento de apogeo debido al papel desempeñado por estos "sofistas" en la vida pública, quienes con sus discursos llegaron a convertirse en auténticas figuras populares en la parte oriental del Imperio Romano. El presente estudio se centra en la oración dirigida por Dión de Prusa a los troyanos. Este discurso plantea algunos cuestionamientos, como es el saber si el texto fue compuesto sólo como un ejercicio de retórica desprovisto de otra finalidad o si hay en él también una motivación política, teniendo en cuenta el contexto sociopolítico en el que se enmarca.

- Semíramis Corsi Silva (UFSM)

"O historiador e o imperador: a construção da imagem de Heliogábalo por Dião Cássio analisada a partir da trajetória do autor de História Romana."

Na obra História Romana, escrita em meados do século III EC, o historiador e senador Dião Cássio constrói uma imagem altamente negativa do imperador tradicionalmente conhecido como Heliogábalo (218-222). Entre os aspectos dessa imagem de Heliogábalo, na visão de Dião Cássio, podemos mencionar a falta de clemência do imperador perante seus inimigos, suas atitudes desmedidas em diversos assuntos e atividades, o fato de o imperador ter colocado o deus do qual era sacerdote, Elagabal, acima do próprio Júpiter, sua efeminação e até uma possível tentativa de realizar a retirada de seu pênis e de fazer uma vagina em seu corpo. As ideias sobre Heliogábalo trazidas por Dião Cássio tiveram grande importância na construção da imagem de Heliogábalo em textos posteriores, como a História do Império Romano de Herodiano e a História Augusta. Chama-nos atenção pensar sobre a relação que Dião Cássio, um político influente e atuante, teve com Heliogábalo e os cargos e posições que ocupou durante seu governo. Diante do que foi apresentado, o objetivo desta apresentação é construir, na medida do possível, o cursus honorum de Dião Cássio, buscando relacionar a carreira do historiador, sua visão sobre a ascensão de alguns agentes no entorno de Heliogábalo e sua construção altamente negativa da imagem desse imperador.

Mesa 08: "*Personagens Medievais Dicotômicos: Entre a Espada e a Santidade*."

- Germano Miguel Favaro Esteves (UNESP/Assis)

"Entre a Espada e a Pena: Sisebuto de Toledo (612 – 621 d.C.) e a *Vita Desiderii*."

Desde a chegada dos povos bárbaros à península até o reinado do monarca visigodo Sisebuto, período que se estende aproximadamente de 415 d.C. a 612 d.C., ocorre um processo lento e gradual no qual o poder monárquico consolida suas bases. Os visigodos, após um trajeto de grande extensão, que percorre uma longa faixa territorial dentro do Império Romano, aparecem na Hispânia, pela primeira vez, no ano de 415 d.C. Após a vitória sobre os Suevos em 456, a fixação dos visigodos começou a configurar-se como um

estabelecimento pacífico. Durante cinquenta anos, em intervalos irregulares e contínuos, os godos chegavam à península. Estabelecida a capital em Toledo, o poder dos godos na Hispânia estendeu-se por quase toda a península sob a égide do monarca Leovigildo, rei que professava o credo ariano. Seu filho, Recaredo, foi o promotor da conversão do povo à doutrina católica em 589, após uma longa discussão com o arianismo, iniciando, assim, a época da monarquia visigoda católica, que se estendeu até o início do século VIII d.C. A primeira discussão que se coloca em pauta é em que medida a conversão operou-se, após Recaredo. No reinado dos monarcas posteriores, houve uma grande disputa entre reis e bispos que defendiam o arianismo contra o reino recém-convertido ao catolicismo. É no reinado de Sisebuto, sob nosso ponto de vista, que ocorre uma fixação maior da doutrina católica, pois além de ser um rei belicoso, Sisebuto mostra-se um rei cristianíssimo, reinando tanto pela espada quanto pela pena.

- Sérgio Alberto Feldman (UFES)

“PEDRO AFONSO DE HUESCA: apóstata ou visionário?”

O rabino Moisés, da cidade aragonesa de Huesca, vive num contexto de interações e conflitos entre as três religiões monoteístas do ocidente. Sendo o líder espiritual de uma pequena comunidade no nordeste da Hispânia, opta, de maneira surpreendente para seus irmãos judeus, por abandonar o Judaísmo e se converter ao Cristianismo. Tendo sido muito criticado pelos judeus, seus antigos irmãos de fé, redige uma obra polêmica para justificar sua escolha. Curiosamente, esta obra é um diálogo entre um judeu Moisés e um cristão Pedro. Os dois personagens são a mesma pessoa: o autor do “Diálogo”, o recém batizado Pedro Afonso, que nascera com o nome Moisés. O texto é repleto de citações, mesclando ciência, teologia, filosofia e muitas citações das escrituras. A novidade é que Pedro Afonso traz para a polêmica a lei oral judaica, vasta e complexa obra organizada na coletânea denominada Talmude. Pedro Afonso começa a desconstruir a legitimidade da presença judaica nos espaços da Cristandade, edificada por Agostinho de Hipona. Um período de tensas relações cristãs judaicas começa a partir de sua obra.

- Ana Paula Tavares Magalhães (USP)

"Desconstrução e construção de Francisco de Assis ao longo do primeiro século franciscano (1226-1263)."

A ressignificação social e literária do grupo dos cavaleiros, ao longo do século XII, acarretou em um mecanismo de associação e de progressiva identificação entre a ética da cavalaria e a ética cristã. Uma normativa eclesiástica recairia sobre as práticas que envolviam os cavaleiros, ao mesmo tempo em que uma ideologia religiosa passava a ditar, nas fontes escritas, os contornos dos milites. Exemplo da construção desse modelo – o cavaleiro-monge e seu duplo, o monge-cavaleiro – é o Elogio da Nova Milícia, de Bernardo de Claraval. Um aspecto importante da construção da biografia de Francisco de

Assis, reverberado em toda a tradição escrita do século XIII, consiste no apagamento de suas origens burguesas, de forma a deslocar o personagem para o campo semântico da nobreza – mecanismo de transição para sua introdução no campo da santidade propriamente dito.

Mesa 09: *"A interpretação de figuras históricas através da Arqueologia Clássica."*

- Viviana Lo Monaco (UNESP/Franca)

"A imagem dos tiranos e dos monarcas siciliotas no documento arqueológico."

Na história dos gregos da Sicília, os siciliotas, as democracias se alternaram a regimes autocráticos. Estes últimos se encontram facilmente descritos nas obras dos historiadores antigos, que desenharam uma imagem de tiranos e monarcas sempre negativa e em contraposição com a liberdade proporcionada pela democracia. Os autores do séc. V a.C. escreveram sobre os tiranos da época arcaica e criaram propositalmente o topos literário do tirano kakós kai aiskhrós, em uma perspectiva atenocêntrica, que objetivou enaltecer os valores democráticos representados por Atenas. Essa tradição continuou até a época romana imperial. As fontes escritas, portanto, construíram uma imagem desses personagens políticos que não necessariamente refletia a realidade. O documento arqueológico, por outro lado, pode desconstruir essa imagem estereotipada e mostrar – com as ressalvas de cada caso – como as políticas dos tiranos e, posteriormente, dos monarcas de Sicília, além de fortalecer o poder das pólis, contribuíram para desenvolver a sociedade siciliana antiga, por meio da construção de obras públicas e a promoção das artes e da literatura. Nessa apresentação, abordarei a temática proposta no evento; procurarei mostrar como o documento arqueológico (moedas, arquitetura pública, sacra e militar, organização do espaço urbano e extraurbano) pode contribuir, ir além da documentação textual e melhor visualizar as figuras autocráticas mais famosas e representativas da Sicília grega, da época arcaica até a helenística.

- Maria Cristina Nicolau Kormikiari (MAE - USP)

"Aníbal Barca, general e sufete cartaginês, séculos III-II a.C.: um personagem histórico sob as lentes da Arqueologia."

Aníbal Barca é, com certeza, o personagem histórico relacionado à colônia fenícia de Cartago mais conhecido do público em geral. Seus feitos militares são recontados e analisados em centenas de livros de historiadores amadores. Mas para além de sua propalada engenhosidade de estrategista militar, que aparece nos relatos das fontes históricas clássicas, gostaríamos de trazer, em nossa palestra, alguns comentários acerca da vida política e religiosa cartaginesa do período helenístico a partir dos dados arqueológicos, ou seja, da cultura material, relacionados a esse importante personagem, membro da família Barca, que dominou Cartago por décadas.

- André Carneiro (Universidade de Évora – Portugal)

***"Illustris possessores.* Proprietários e villae nos tempos de Teodósio no sudoeste peninsular".**

A província da Lusitania apresenta um conjunto de villae dotadas de grande monumentalidade, realçadas por soluções arquitectónicas e decorativas de extrema originalidade. Documentam uma fase de grande criatividade e opulência, na qual os proprietários investem na construção de residências rurais que replicam os protótipos das construções imperiais. Manifesta-se assim a existência de uma elite de grande capacidade aquisitiva e perfeitamente identificada com as tendências em curso no centro do Império, uma situação tanto mais interessante quanto sabemos que em meados do século IV temos um Imperador de origem hispânica, Teodósio I. Embora não existam nexos directos de ligação entre a província e a corte imperial, torna-se necessário analisar as formas de expressão de um imaginário cultural que nesta fase aproxima o sudoeste peninsular dos circuitos imperiais.

Mesa 10: *"Ensino e pesquisa histórica da Antiguidade Oriental e Judaica."*

- João Batista Ribeiro Santos (UMESP e UNESP/Assis).

"A construção da imagem de uma dinastia síria no período paleobabilônio: a correspondência entre *Zimrī-līm* da cidade de Mari e *Yarīm-līm* da cidade de Aleppo (c. 1775–1765 A.E.C.)."

Emergem, no final do terceiro milênio, as pequenas cidades-Estado no norte do Levante; dentre as mais importantes estão Hamat (Ḫamati), Qatna (Qaṭna), Ebla (ʾĪblā), Aleppo (Ḫalab) e Karkamish (Karkamiš), nas quais as árvores frutíferas cultivadas são as mesmas espécies produzidas na Mesopotâmia, o que possibilitou a sedentarização de grupos nomádicos e suas culturas de mobilidade. O encontro desses grupos sociais com camponeses provocou intensos conflitos locais a partir do início do segundo milênio. No quadro desses conflitos, Zimri-lim (Zimrī-līm, 1775–1762) declara-se rei sobre a cidade-Estado de Mari (Mariānum), restabelece antigas relações diplomáticas e abre as fronteiras do Levante com Aleppo, capital do reino amorrita de Yamhad (Yamḫad), que controlava os territórios sírios antes da emergência do Reino Antigo hitita (Ḫatti), e com a Babilônia (KUR.kár-dun-ia-áš) do rei Hammurapi (ʿAmmu-rāpi, 1792–1750), na Baixa Mesopotâmia. Nessa reabertura de fronteiras, Zimri-lim estabeleceu uma aliança com Aleppo ao casar-se com Shibtu (Šibtu), filha do rei alepino Yarim-lim (Yarīm-līm, 1780–1765), forjando o grande evento diplomático para fortalecer os dois reinos sírios com a singularidade consanguínea capaz de construir uma única linhagem dinástica. Definitivamente, com esse casamento, temos um testemunho de construção conjuntural em que se visava buscar condições de convivência entre políticos e pastoralistas, grupos sedentários e nomádicos, tendo à frente Zimri-lim, originário de família nômade. Além disso, nesse período paleobabilônio, os grupos pastoralistas são virtualmente os mesmos quando se trata de tribos, daí a necessidade de tratos entre poderes estatais e grupos sociais autóctones que resistem a instituições redutoras, seja por se oporem aos tributos, seja por se oporem à delimitação das glebas de terra. Funcionalmente, a aliança política

acelerou o desenvolvimento de Aleppo, a cidade tornou-se um agente importante na rede comercial na rota do oeste, em direção ao Mediterrâneo, e ao leste, no Médio Eufrates, protagonizando as tomadas de decisão políticas que cabiam às capitais reais. Por meio de uma carta, os tratos de lealdade para construção da dinastia foram fortalecidos quando Zimri-lim afirma ter rechaçado um pacto pela paz com o reino de Eshnunna (Ešnunna): ele escreve ao rei de Aleppo comunicando que havia recusado conversar por três vezes com embaixadores de Eshnunna porque chegaram “sem o consentimento de Yarim-lim”.

Esta explanação contextual à guisa de resumo será introdutória ao nosso objetivo: apresentar a correspondência diplomática – nossa imagem! – em que fica evidente o interesse de Zimri-lim, de Mari, em construir uma grande dinastia conectada a Aleppo, a fim de fazer parte do reino de Yamhad. Motivo político: controlar as rotas comerciais do norte do Levante e aumentar o contingente militar para conter o avanço da Babilônia de Hammurapi em direção à Alta Mesopotâmia, o que acabou acontecendo em 1761, logo após a morte de Zimri-lim.

- Ivan Esperança Rocha (UNESP/Assis)

“Poder e legitimação: a dominação da Palestina sob Vespasiano na ótica de Flávio Josefo (séc. I d.C.).”

Vespasiano, da dinastia flaviana, foi proclamado imperador pelo senado romano e governou entre 69 e 79 d.C. Como cônsul, tinha sido indicado para comandar o exército romano durante a revolta judaica, iniciada em 66 d.C., tarefa completada por seu filho Tito, em 73 d.C., com a vitória sobre o último reduto dos revoltosos, em Massada. Um dos líderes judeus, Flávio Josefo, autor de Guerra Judaica, constitui a principal fonte sobre este conflito, e que, em parte, será retomada por Suetônio (79-ca 141 d.C.) para escrever a biografia de Vespasiano em sua obra A vida dos doze césares. Atribui-se a Josefo uma personalidade polêmica por ter iniciado a revolta como um comandante judeu e por ter se tornado depois um aliado dos romanos. Sua obra Guerra Judaica recebeu o imprimatur de Tito, sucessor de seu pai, Vespasiano.

O poder de Vespasiano é legitimado tanto pela tradição romana documentada por Suetônio, segundo a qual um harúspice tinha predito à avó de Vespasiano que um dia ele seria um Caesar romano (A vida dos doze césares, 8,5,2), quanto pela tradição judaica, representada pelo romanizado Josefo. Este confirma esaa predição anunciando ao próprio Vespasiano que ele se tornaria César e imperador (GJ 3,401), acrescentando a polêmica afirmação: “pois tu César, não és apenas o meu senhor, mas também da terra, do mar e de toda a raça humana” (3,402).

A obra e o posicionamento de Flávio Josefo serão analisados a partir do seu contexto literário e de possíveis intervenções sofridas pela obra ao longo de sua redação e do processo de elaboração de cópias dos manuscritos originais. Se, por um lado, muitos dos seus relatos podem ser colocados sob suspeita, sua obra continua sendo fundamental para o conhecimento de aspectos da vida social, política, econômica e cultural da Palestina do séc. I d.C., ao lado da documentação neotestamentária, à luz de crescentes evidências arqueológicas

que permitem confirmar ou questionar as informações da documentação flaviana.

- Alex Degan (UFSC)

“Os limites da Helenização: os desafios na articulação da Ásia Oriental na disciplina ‘História Antiga’.”

Tradicionalmente, a História Antiga, presente em manuais e currículos brasileiros (dos níveis Básico e Superior), articula histórias desenvolvidas entre os limites da Bacia do Mediterrâneo e o Crescente Fértil, excluindo ou minimizando outros processos históricos em curso na África e no Oriente Extremo. Nos últimos trinta anos, as ascensões políticas e econômicas da China e da Índia evidenciaram nosso desconhecimento da História da Ásia Oriental. Esta palestra propõe uma reflexão em torno deste desencontro, ponderando sobre os desafios da incorporação da História da Ásia no campo da Antiguidade, problematizando os caminhos, as dificuldades e as necessárias transformações na disciplina.

Mesa 11: *“Personalidades Mesopotâmica e Egípcia na Edificação da Antiguidade Oriental.”*

- Katia Maria Paim Pozzer (UFRGS)

“Uma certa ideia de realeza: Hammurabi de Babilônia.”

O rei Hammurabi foi responsável pela ampliação e consolidação de um importante império no Oriente Próximo, a partir da cidade-estado de Babilônia, no século XVIII AEC. Inúmeras são as fontes que testemunham este passado e, dentre elas, podemos destacar o texto conhecido como o Código de Hammurabi, o mais completo documento jurídico que chegou até nós. Além dos parágrafos legais, há um prólogo e um epílogo que constituem, na verdade, um discurso ideológico sobre o conceito de realeza, a busca de legitimação política para o rei, enfim, a construção de uma imagem de figura política ideal, com inúmeras virtudes e feitos gloriosos. Nesta palestra, propomos realizar uma análise crítica desta documentação, a partir de evidências históricas e arqueológicas da Mesopotâmia e refletir sobre os processos de construção de imagem política no mundo antigo e na atualidade.

- Moacir Elias Santos (UNIANDRADE e PUC/RGS)

“De enfermo a demiurgo: construções e desconstruções da imagem de Akhenaton.”

O rei Amenhotep IV, que alterou seu nome para Akhenaton, realizou uma série de mudanças em seu reinado que afetaram a religião, a língua e até mesmo o centro do poder do Egito, que passou de Tebas para Amarna no século XIV a.C.. Dos vestígios desta cidade, surgiram as primeiras descobertas que revelaram a estranha aparência do faraó. Tal fato levou pesquisadores à

formulação das mais distintas hipóteses para explicá-lo, indo desde a interpretação de que se tratava de uma rainha até um número variado de síndromes, como as de Frölich e Marfan. Contudo, ao voltarmos nossa atenção para as imagens de Akhenaton antes de sua ascensão ao trono, que seguem o cânon tradicional, verifica-se como o próprio rei foi o responsável por elas. Nesta palestra, discorreremos como os egiptólogos construíram e descontruíram a imagem do faraó, analisando as múltiplas interpretações sobre as doenças e o estudo realizado com o esqueleto da KV55. Além disso, mostraremos como a iconografia de Amarna pode ser explicada pelo viés da religião, pois refletiria a visão do próprio Akhenaton como demiurgo Atum (na primeira fase do reinado), chamado o grande “ele/ ela” nos textos.

MINICURSOS

Minicurso 01: “Dinâmicas do ensino de História Antiga no Brasil: breve avaliação entre os séculos XIX e XXI.”

Guilherme Gomes Moerbeck (UERJ)
Luís Ernesto Barnabé (UENP)

A História Antiga possui um longo percurso no que se refere ao seu ensino. Desde o século XIX, os programas escolares brasileiros incorporaram o estudo de histórias que se relacionavam com a própria compreensão do que seria o surgimento da humanidade, o que acarretou na construção de uma memória social em torno desse passado, moldando uma identidade e fomentando um projeto civilizatório. Desde a implantação oficial no Imperial Colégio de Pedro II, em 1838, até o debate em torno das versões da BNCC, novos problemas, objetos, fontes e metodologias tensionam, neste início do século XXI, as razões pelas quais ainda se ensina a História Antiga. Ainda há sentido em ensinar a História Antiga à juventude? Esse minicurso tem por objetivo colocar em discussão alguns aspectos e problemas no que tange ao ensino da Antiguidade na escola e, igualmente, refletir sobre as práticas de História pública e cotidianas que fazem parte das diferentes formas de comunicação midiática.

Minicurso 02: “A experiência do espaço doméstico no Egito antigo e seus domínios estrangeiros: problemas e desafios.”

Thais Rocha da Silva (USP/Research Fellow, Harris Manchester, University of Oxford).

O minicurso tem como objetivo compreender o espaço doméstico no Egito durante o Reinos Médio e Novo (c. 1975-1069 AEC) no território egípcio e nos seus domínios estrangeiros. A partir da observação das estruturas arquitetônicas e da variedade de atividades domésticas, podemos mapear os diversos tipos de interação que os indivíduos desenvolveram entre si e com o espaço, levando em

conta aspectos sensoriais das casas, tais como incidência de luz, ventilação, manutenção e controle da temperatura, visibilidade, odores e sons. A fim de problematizar os modelos explicativos para a arqueologia doméstica egípcia, examinamos, inicialmente, o assentamento da Vila de Trabalhadores em Amarna e expandimos o campo da análise para dois outros sítios arqueológicos, Tell el-Dab'a e Amara West, duas regiões do território egípcio que tiveram forte presença estrangeira em períodos distintos, o Reino Médio (c. 1975–1650) e o Reino Novo (c. 1650–1069).

Minicurso 03: "O Islã e as últimas estátuas da Antiguidade."

Jorge Elices Ocón (UNIFESP)

Os estudos sobre as estátuas tiveram um grande desenvolvimento nos últimos anos, analisando suas múltiplas funções nas sociedades antigas e sua recepção em épocas posteriores. Na Antiguidade tardia, tem sido tradicionalmente apontado que as estátuas teriam desaparecido nos séculos VI e VII como resultado do triunfo do Cristianismo, do surgimento de novas formas de representação social e política, da generalização do reaproveitamento de materiais ou, simplesmente, por causas naturais. O Islã, geralmente visto como uma religião contrária ao passado e a qualquer imagem ou estátua que pudesse ser vista como um ídolo, teria contribuído decisivamente para esse processo. Certamente, há evidências de destruição e mutilação de estátuas, no entanto, as fontes escritas e a arqueologia apontam para a sobrevivência de muitas dentro das sociedades islâmicas medievais. As estátuas continuaram ocupando espaços públicos, por exemplo, nas portas de cidades como Córdoba (Espanha) e Konia (Turquia) e nos banhos e ruas de El Cairo (Egito), e também em espaços privados, como no palácio dos califas em Madinat al-Zahra (Espanha). As estátuas interagiram com a população local, gerando novas respostas e interpretações. Elas faziam parte da vida, memória e identidade da cidade. Eram veneradas como talismãs ou imagens protetoras de uma cidade ou região com a qual foram identificadas, consideradas nas práticas e rituais da população local, ou reutilizadas como símbolos da legitimação política dos governantes e do triunfo do Islã. Desse modo, a recepção islâmica das estátuas constitui não apenas um episódio esquecido na vida das estátuas antigas no Mediterrâneo, mas também mostra como um objeto estranho e alheio a uma cultura pode acabar sendo uma parte essencial dela. Somente nos séculos XVIII e XIX as estátuas foram "descobertas" por arqueólogos europeus, transferidas para museus e finalmente transformadas em obras de arte e repositório visual dos valores da civilização ocidental. As ações iconoclastas dos terroristas DAESH na Síria e no Iraque têm mais a ver, na realidade, com a história recente dessas estátuas e monumentos, do que com a própria história e definição do Islã.

Minicurso 04: "História da Igreja na Primeira Idade Média: perspectivas e possibilidades."

Paulo Duarte Silva (UFRJ)

Nas últimas décadas, os estudos sobre a Igreja medieval têm recebido intensa e renovada atenção histórica. No que diz respeito ao período de transição entre a Antiguidade e os primeiros séculos medievais, as pesquisas recentes consideraram os possíveis impactos da chamada "virada constantiniana", avaliando a importância local e regional do episcopado e as implicações sociais, econômicas e culturais da crescente atuação dos bispos junto às comunidades, aos mosteiros e mesmo às cortes “bárbaras”.

Neste minicurso, apresentamos um panorama historiográfico de tais estudos, abordando, em diferentes encontros, as seguintes temáticas: 1. A passagem da Antiguidade à Idade Média: considerações historiográficas; 2. O episcopado ocidental em perspectiva: os casos de Leão de Roma e Cesário de Arles (séculos V-VI); 3. Calendário e poder: as festas cristãs na Primeira Idade Média (IV-VI).

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Simpósio 01 : *“A construção de papéis sociais e culturais na Antiguidade Oriental e Grega.”*
Coordenadora: Nathália Monseff Junqueira (UFMS/Pantanal)
Ementa: As inúmeras descobertas arqueológicas, vinculadas ao acesso aos bancos de dados de universidades, bibliotecas e acervos, possibilitaram uma ampliação dos estudos das temáticas relacionadas ao mundo antigo. Diferentes metodologias, contextos sócio-políticos e temáticas, vinculados à Nova História Cultural, resultaram em diversas pesquisas que se debruçam na perspectiva das trocas culturais e da construção das identidades dentro das sociedades antigas, criando discursos perpassados pela subjetividade e pelas relações de poder, que devem ser lidos e interpretados pelos historiadores. A fim de debater o leque de identidades e construções de papéis sociais e culturais, esse simpósio convida os pesquisadores vinculados aos estudos da Antiguidade Oriental e da Grécia Clássica para apresentarem seus trabalhos, criando um espaço de reflexões a respeito das possibilidades de novas análises e enfoques sobre a Antiguidade a partir da ampliação dos sujeitos históricos e das fontes de pesquisa.

Abner Alexandre Nogueira

Doutorando do PPG em História da UNESP
Título: *As múltiplas faces de Hércules: Entre os mitos gregos e o filme Hércules (2014).*
Resumo: Pretende-se analisar alguns elementos acerca das construções sobre a figura do herói Hércules na mitologia grega e no filme *Hércules* (2014), dirigido por Brett Ratner. Para a presente comunicação, utiliza-se da obra “Biblioteca do Pseudo-Apolodoro”, que é datada entre os séculos I e II da Era Comum. É importante salientar que as narrativas sobre o herói são anteriores a essa data e encontram-se no âmbito da oralidade, tendo uma multiplicidade de versões, de acordo com os diversos espaços e temporalidades. As múltiplas faces de Hércules, já presentes de forma plural no mundo antigo, são constantemente

revisitadas, criando-se um amplo imaginário até os dias de hoje. No âmbito da cultura pop, tem-se os quadrinhos *Hércules: as guerras Trácias* (2008) que serviu de base para o filme *Hércules* (2014), cujo herói foi interpretado por Dwayne Johnson, o "The Rock". Este filme constrói uma narrativa do herói grego a partir de uma ambientação histórica, onde aventuras "reais" se transformam em lendas e, por fim, consagram um humano comum em uma figura semidivina.

Bárbara Alexandre Aniceto

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP, Bolsista CAPES e membro do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (G.LEIR/UNESP-Franca).
Título: *Corpo e Gênero: as representações médica e cômica do feminino na Grécia Clássica.*
Resumo: Embora o quadro valorativo helênico postulasse um padrão social específico às mulheres helenas, especialmente às esposas legítimas, notamos que os homens do período clássico, de historiadores a comediógrafos e médicos, elegeram o feminino enquanto um tópico senão central, ao menos bastante significativo e presente em seus registros. A despeito do suposto silenciamento ao qual as mulheres estariam submetidas, elas eram constantemente enunciadas e representadas pelos escritores e pensadores gregos. Dentre eles, destacamos Aristófanes e Hipócrates. Ambos se dedicaram, de formas distintas, a pensar o universo feminino em conjunto com a percepção que partilhavam sobre o corpo, percepção essa carregada de concepções de gênero que muito nos interessam. Na presente comunicação, analisaremos algumas passagens das comédias aristofânicas e dos tratados médicos, buscando desvelar o entendimento por eles partilhado acerca do corpo feminino, como também explorar a relação entre esse entendimento e o gênero.

Felipe Nascimento de Araujo

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ). Pesquisador integrante do Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA/UERJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) de doutorado.
Título: Os aspectos sociopolíticos da música em Atenas através dos relatos biográficos de musicistas notáveis em *Sobre a Música*, de autoria atribuída a Plutarco.
Resumo: Nesta comunicação, objetivamos analisar os musicistas gregos mais famosos e ilustres a partir da memória cultural de seus grandes feitos e obras, memória esta que é veiculada na obra *Sobre a Música*, supostamente atribuída a Plutarco. Através dessa abordagem, pretendemos propor um exercício de "pensar" o aspecto biográfico desses personagens que, em sua maioria, não possuem obras ou escritos que tenham sobrevivido aos séculos, ao contrário das biografias modernas, imbuídas de narrativas vivenciais que integram uma quantidade considerável de fatos e acontecimentos. Acerca disso, devemos destacar que grande parte dos musicistas presentes ao longo de *Sobre a Música* são citados pontualmente, sendo muitas vezes descritos em somente uma frase. A maior preocupação do autor não se concentra em abordar as vivências como narrativa, mas sim nos feitos e façanhas mais notáveis dos musicistas,

pois seu objetivo consiste em elaborar uma historiografia da música grega a partir de uma genealogia dos seus maiores nomes. Desse modo, considerando também que, obviamente, o documento não possui relatos autobiográficos, nos deparamos frente a uma problemática: como analisar os relatos de vida dos musicistas/personagens citados em *Sobre a Música* a partir das informações limitadas providas pelo autor? Pretendemos, em nossa comunicação, responder a tal questionamento a partir de uma abordagem sociopolítica direcionada à temática, nos utilizando do supracitado conceito de "memória cultural" de Aleida Assmann.

Gustavo Ferreira Gomes

Graduando em História - Licenciatura pela UERJ-FFP. Bolsista de EIC no LEPH-FFP.
Título: *Uma análise das narrativas acerca do mito de Lilith e suas variações no tempo e no espaço.*
Resumo: O presente trabalho apresenta uma versão condensada acerca das primeiras considerações obtidas pela pesquisa e mapeamento da figura de Lilith à luz de fontes textuais, nas quais se encontram narrativas que mencionam essa personagem. Lilith é uma persona do imaginário judaico antigo-tardio/medieval que gera muita polêmica dentre os estudiosos que, dentro de suas respectivas áreas, se debruçam sobre esse tema. De acordo com algumas tradições judaicas, a personagem estaria presente no mito da criação, onde o deus Yahweh cria o mundo, o homem (Adão) e, segundo essas tradições, Lilith. Tendo sido criada do mesmo pó que o homem - salvo que de excrementos ao invés de barro puro - buscava igualdade perante seu companheiro e, não conseguindo, o abandona. O mapeamento histórico dessa documentação mitológica visa a uma investigação acerca dos sentidos associados a essa figura. Este artigo é parte de um estudo integrado ao Laboratório de Pesquisa e Ensino em História Profunda da Humanidade e foi pensado com vistas a uma apresentação no IX Ciclo Internacional de Estudos Antigos e Medievais da UNESP.

Isabela Casellato Torres

Mestranda do PPG em História da UNESP. Bolsista CAPES.
Título: *Desvelando a polaridade: a identidade persa e a atuação da mulher em Heródoto.*
Resumo: A produção sobre Heródoto e as Guerras Greco-Pérsicas é vasta e frequentemente revisitada. Nessa comunicação, iremos discutir o que se convencionou chamar de modelo da polaridade, ou seja, a interpretação que associa os gregos de Heródoto à liberdade e os persas à tirania ou depotismo. Mostraremos que a questão da polaridade diz muito mais sobre o contexto no qual a historiografia foi elaborada do que sobre a visão de Heródoto propriamente dita. Acreditamos que a narrativa herodotiana não possui como característica uma oposição simplista e esquemática entre os gregos e aqueles considerados bárbaros. Assim, indo além de um mundo bipartido, discutiremos como a identidade persa é representada na obra *Histórias* e como essa representação influencia a maneira pela qual as mulheres gregas e persas atuam na narrativa do autor grego.

Jerrison Patu de Melo Alves

Graduado em História (Licenciatura) pela Universidade Estácio de Sá; Especializando em História Antiga e Medieval no Curso de Especialização em História Antiga e Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEHAM/UERJ). Pesquisador do Núcleo de Estudo da Antiguidade (NEA/UERJ).

Título: *A Narrativa mítica de Pandora e a subordinação da mulher.*

Resumo: Nesta comunicação, iremos analisar a narrativa mítica de Pandora e seu uso para justificar a subordinação da mulher ateniense ao ambiente doméstico, ou seja, o oîkos, bem como a utilização da memória coletiva para edificar a formação da pólis ateniense, na qual coloca as mulheres como um ser crucial para a cidade, pois cuidam da família e dão à luz à prole que irá compor a cidade. Com isto, nos cabe analisar a elaboração do incluir e excluir, da alteridade e do etnocentrismo, porém não em uma análise sobre os estrangeiros, mas na verificação desta prática com os próprios cidadãos, os quais convivem no mesmo território e, evidentemente, são marginalizados e excluídos dentro da região. Desta maneira, o objetivo central desta comunicação é observar a produção de mitos como utilização do passado para justificar as ações do presente e dramaturgias como forma de educar e noticiar as violências institucionais, com isto, torna-se relevante a compreensão dos conceitos antropológicos de etnocentrismo e alteridade para a verificação desta instituições mítico-religiosas.

Maria Regina Candido. Professora Associada de História Antiga.

Professora PPGH/UERJ e PPGHC/UFRJ. Coordenação do NEA/CEHAM/UERJ. Editora chefe do NEARCO e do Jornal Philia. Pesquisador de Produtividade do CNPq. Member of Society for Classical Studies of The Johns Hopkins University

Título: *A ressignificação da construção da imagem do personagem Medeia em Pompeia*.

Resumo: Entre os pintores antigos, o mais conhecido foi Timomachus de Byzantium, cuja pintura de Medeia foi adquirida por Júlio Cesar na região de Cyzicus, um importante centro de atividades artísticas e onde havia um templo dedicado ao imperador Adriano com a pintura da sacerdotisa de Hécate. Segundo Plinio, o Velho na Historia Naturalis (35.136), Cesar foi nesta região após a vitória em Pharsalus e parece ter adquirido a pintura de Medeia junto com Ajax pela quantia de 80 mil taletos. As imagens foram expostas no templo de Venus Genetrix em Roma como celebração do triunfo de Júlio Cesar em 46 a.C. Os relatos nos informam que a pintura original foi destruída pelo incêndio no Templo de Geretrix, porém a sua imagem foi preservada nos afrescos de Pompeia e em Herculano. Nosso questionamento se pauta em estabelecer a relação do dono da residência e a mensagem emitida pela figura de Medeia. Pois, consideramos que a figura mítica foi apreendida e ressignificada pelos residentes da Casa de Dioscuri. Para cotejar as informações proporcionadas pela imagem, aplicamos a metodologia de análise de imagem de Martine Jolly ao reafirmar que a imagem deve ser entendida como uma mensagem que detém uma linguagem universal, mas que para compreender a imagem mítica de Medeia, precisamos estudar seu contexto histórico, social, econômico, pois só

assim conseguiremos nos aproximar da possível ressignificação da mensagem passada pela imagem.

Mateus Mello Araujo da Silva

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH – UFF). Membro do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA/UFF) e do grupo de pesquisa em Numismática Antiga (MAE/USP).
Título: *Os "Alexandres póstumos": a ressignificação das cunhagens com os tipos numismáticos de Alexandre no período helenístico.*
Resumo: Na Ásia Menor do III até meados do II século a.C., numerosas cidades gregas passaram a emitir tetradracmas com os tipos numismáticos de Alexandre o Grande, mesmo se passando mais de um século e meio de sua morte. Essas emissões foram nomeadas por numismatas e historiadores como "Alexandres póstumos" ou "Alexandres cívicos". Elas foram interpretadas, muitas vezes, como uma tentativa de criação de uma zona de circulação monetária comum na Ásia Menor entre numerosas entidades políticas, sob o padrão monetário ático e iconografia semelhante. Embora a interpretação dessas moedas pelo viés econômico seja legítima e traga contribuições importantes, as moedas serão consideradas, na presente comunicação, principalmente em sua importância identitária. Com isso, será levada em conta a ressignificação dos tipos numismáticos de Alexandre não só para uma tentativa de construção de uma comunidade pan-helênica, mas também as apropriações locais dessas emissões como um meio de veicular outras identidades, articuladas em relações complexas.

Matheus da Silva Carmo

Mestrando em História do PPGH Universidade Federal de Juiz de Fora
Título: *A importância cultural da Tradição do Êxodo nos primeiros dias do Reino de Israel Norte: 931 a 909 a.C.*
Resumo: Um dos eventos mais enfáticos da Bíblia Hebraica é seguramente o Êxodo, ou seja, a libertação do povo de Israel que estava cativo no Egito. Especialistas na História de Israel e Judá têm debatido, recentemente, sobre quais são as raízes históricas da Tradição do Êxodo, uma vez que o evento, tal como narrado pela Bíblia, foi descartado como evento histórico verificável pela arqueologia e historiografia, em razão da falta de comprovação extrabíblica. O presente trabalho tem como objetivo analisar as raízes do Êxodo na ocupação e presença egípcia em Canaã entre os séculos XV a X a.C., e a forma como isso foi preservado na memória dos grupos étnicos que fizeram parte do Reino de Israel em seus primeiros dias. A Tradição do Êxodo não nasce como lembrança da migração vivenciada por um grupo de escravos, mas como recordação da opressão egípcia efetuada no Levante. A Tradição do Êxodo teve um importante papel cultural, posto que, com a expansão do reino de Israel na segunda metade do século X a.C., grupos heterogêneos oriundos da planície e do planalto cananeu, pela primeira vez, estavam reunidos sob um mesmo reino. A memória da opressão egípcia foi um importante fator agregador desses grupos, possibilitando que houvesse coerência interna, lançando raízes para a formação de uma identidade étnica no reino do Norte. Por conta da centralidade que a memória da dominação egípcia desempenhou em tais grupos, o Êxodo se

constituiu como principal mito de fundação do reino de Israel, sendo sua memória preservada e celebrada nos santuários reais como Betel e Siquem.

Thiago do Amaral Biazotto

Doutorando em História - Unicamp
Título: *A construção das imagens de caça ao leão de Alexandre Magno*
Resumo: Esta comunicação parte das representações figurativas de Alexandre Magno em incursões cinegéticas, produzidas durante os séculos IV e III a.C., de maneira a refletir a respeito das circulações de temas iconográficos no âmbito do Mediterrâneo antigo. Será argumentado que o repertório imagético do conquistador protagonizando venatórias viceja a partir de distintas civilizações, como Assíria e Pérsia, cuja produção visual se tornou mais acessível aos artistas greco-macedônicos a partir do contato mais contíguo originado pela expedição asiática. Para além dos aspectos formais, a performance como caçador de leões, de grande importância para a cosmologia de sociedade da Ásia, também será levada em consideração nesta fala.

Thomas Henrique de Toledo Stella

Doutorando em Arqueologia MAE/USP
Título: *Ramsés III e o início do enfraquecimento do regime faraônico no Reino Novo*
Resumo: Ramsés III (1.184-1.153 AEC) foi o segundo faraó da 20a dinastia. Ele resistiu às incursões dos Povos do Mar, num dos eventos derradeiros do chamado colapso da Idade do Bronze. Conteve os núbios e os líbios, mantendo a infraestrutura imperial que herdou dos antecessores e que prevaleceu, em larga medida, durante o Reino Novo (1.550-1.069 AEC). Por isso que muitos egiptólogos o consideram como o último grande herói dos egípcios em seu tempo. Foi em seu reinado, entretanto, que algumas das contradições do regime faraônico começaram a se explicitar e a levar ao seu consequente enfraquecimento. Pouco antes da realização do festival Sed, o jubileu que marcava os 30 anos de reinado de um faraó, Ramsés III teve que lidar com uma greve dos trabalhadores da vila de Deir el-Medina, que construíam sua tumba no Vale dos Reis. Em seguida, ele foi vítima de uma conspiração do harém real com o objetivo de alterar a linha sucessória, o que provavelmente ocasionou seu falecimento. Depois dele, todos os monarcas da referida dinastia tiveram o nome de Ramsés, seguindo do IV até se chegar ao XI, quando o estado faraônico se fragmentou em dois. Nenhum dos sucessores conquistou o prestígio de Ramsés III naquela dinastia. Um elemento que ajudou a perpetuar sua memória como herói foi a edificação de seu templo memorial em Medinet Habu, no qual o registro epigráfico ressalta suas vitórias militares e grandes feitos. Outra fonte importante é o capítulo histórico do Papiro Harris. Ambas as referências dialogam com a construção da imagem deste monarca que, apesar de retratado apenas em sua grandeza, foi quem começou a conviver com os problemas estruturais que posteriormente levaram à fragmentação do Antigo Egito.

Simpósio 02: “Representações e representatividades na República e no Principado romanos: a construção e a desconstrução de formas de poderes.”

Coordenadora: Natália Frazão José (G.LEIR – UNESP/Franca).

Ementa: Ao refletirmos sobre os períodos da Antiguidade Romana denominados como República e Principado, torna-se imprescindível contemplarmos as diferentes formas de poderes que permeavam esta sociedade, assim como a maneira pela qual tais poderes constituíam-se ou, até mesmo, eram desconstituídos, nas esferas públicas e privadas, quando não no volátil limiar entre estas. Desta maneira, este simpósio visa abordar estes poderes diversos, através de perspectivas múltiplas, dentro do arco cronológico acima descrito e a partir de distintas formas de representação e representatividade.

Augusto Antônio de Assis

Graduando em história pela UNICAMP. Bolsista FAPESP.
Título: *Romanização, Pax e a Ara Pacis Augustae na Itália fascista*
Resumo: A história é, frequentemente, utilizada para embasar e referendar ações do presente. O Estado Nação, na sua exegese, voltou-se em larga medida para a Antiguidade em busca de bases étnicas e culturais. Na Itália, desde o Risorgimento, a romanidade foi constantemente empregada a fim de construir uma identidade e legitimar as ações imperialistas no norte da África. Todavia, é durante o ventennio fascista onde podemos observar um dos mais extremos usos do passado romano. Símbolos, signos, valores e personalidades da Roma Antiga foram, arbitrariamente, selecionados e ajustados aos moldes do regime de Mussolini. Inserida nesse contexto, nossa comunicação pretende analisar a reinauguração da Ara Pacis Augustae, enquanto evento de encerramento das comemorações do Bimilenário do Nascimento de Augusto, em 1938. O altar, cuja maior parte das escavações foi financiada pelos fascistas, foi reconstruído na recém sistematizada Piazza Augusto Imperatore, em diálogo forçoso com o Mausoléu de Augusto. Ademais, examinaremos o uso da noção de romanização, intrinsecamente, atrelada à Pax, em diálogo com a proclamação do Império fascista, após a ocupação da Etiópia, em 1936.

Giovanni Pando Bueno

Mestrando em História Social- USP. Bolsista FAPESP.

Título: *Da ditadura à apoteose: César e a memória nos fóruns de Roma (46 a.C. – 2 a.C.)*

Resumo: O fórum romano foi alvo de amplas transformações no decorrer de todo o período republicano, mas foi ao longo da crise do século I a.C. que este espaço passou a ser cada vez mais reivindicado por grandes lideranças políticas, tornando-se objeto de uma disputa violenta. Nos últimos dias da República, as mais profundas e estruturais mudanças foram colocadas em marcha conduzidas por Júlio César ainda em vida ou tendo a sua figura como elemento fundamental à nova visualidade do fórum nos anos que se seguiram aos Idos de Março. A partir de sua ditadura, não apenas o velho Forum Romanum sofrera alterações como um novo fórum, adjacente ao antigo, fora erguido – o Forum Iulium. Otaviano, herdeiro do falecido ditador, deu continuidade às reformas iniciadas

por seu pai, acrescentando novos componentes em memória a ele. Uma vez Augusto, Roma assistirá à ereção de mais um fórum, Forum Augustum, que também reservou a César um espaço de destaque. Assim, a paisagem do complexo formado pelos três fóruns mobilizou diversos elementos do passado romano, ao mesmo tempo em que obliterou e modificou tantos outros, o que promoveu a construção de uma memória coletiva que tinha em César uma de suas principais bases: em vida ou postumamente, sua memória tornou-se onipresente no coração de Roma. Nesta comunicação, analisaremos o processo de construção da memória social pela paisagem urbana, nos atendo particularmente ao impacto das mudanças arquitetônicas e visuais dos fóruns durante esses anos (46 a.C. – 2 a.C.) na reestruturação do passado romano e ao papel atribuído à imagem de Júlio César em tal passado.

Helton Lourenço Carvalho

Doutorando em História – UFOP
Título: *Otium et studio*: a autorrepresentação de Plínio, o Jovem a partir de suas *uillae*
Resumo: Nesta comunicação, pretendemos apontar alguns elementos da autorrepresentação de Plínio, o Jovem, a partir de suas epístolas, em especial, aquelas em que a temática das *uillae* é o espaço de produção ou objeto de reflexão. A despeito de sua intensa atividade política na administração do Império, Plínio se deslocava frequentemente para suas propriedades rurais em Como, Óstia ou em Túsculo. Em suas missivas, enquanto as descrições espaciais destas propriedades nos fornecem uma dimensão arquitetônica, por outro lado, a apresentação de suas atividades nos permite visualizar a forma como Plínio pretendia projetar sua imagem pública a partir de sua esfera privada. Neste sentido, por oposição ao comportamento vicioso de uma parcela da aristocracia de sua época, Plínio constrói para si uma imagem de aristocrata virtuoso que procura em seu retiro rural, um alívio das tensões e dos vícios da vida na *urbs*. Por um lado, as suas *uillae* são apresentadas como ambientes ideais para as reflexões e os estudos filosóficos. Por outro, de forma metafórica, as *uillae* são apresentadas por Plínio como uma mini representação da *Res Publica*, onde ele projeta o seu modelo ideal de gestão e atuação para as demais aristocracias. Neste sentido, nosso objetivo nesta comunicação será o de compreender o discurso de Plínio em um contexto de intensa competição social e que o repertório compositivo de suas *uillae* é parte integrante e significativa de construção de sua autorrepresentação.

Isabela Pissinatti

Mestranda no PPGH- UNESP-Franca
Título: *As mulheres imperiais romanas e a legitimação do poder: a auctoritas imperial de Agripina Menor*
Resumo: Até o início do Principado romano, as mulheres eram descritas pela historiografia como coadjuvantes de uma história que enaltecia apenas o poder masculino, representado pela *patria potestas*. Quando Augusto assume o poder e promove diversas mudanças dentro do Império, as mulheres imperiais ganham um novo papel: agora são elas que legitimam o poder através da geração de

herdeiros. A partir deste novo cenário, torna-se quase impossível negar que as mulheres imperais tiveram grande importância nas redes políticas do Império Romano. Nosso trabalho tem a intenção de analisar o caso de Agripina Menor que enquanto detentora da *auctoritas* imperial, por ser descendente de Augusto, demonstrou seu poder de tal forma que chegou a colocar seu próprio filho na posição de imperador de Roma.

João Batista Silva

Licenciado em História pelo Claretiano.
Especializado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Única - Grupo Prominas
Título: *INTERPRETAÇÕES DO CRISTIANISMO: a visão de Justino e Nietzsche*
Resumo: Este presente artigo científico tem por objetivo duas questões iniciais que poderão se desdobrar dando origem a novas questões, são elas: investigar a biografia de dois pensadores muito distantes, tanto em ideia quanto em tempo. Trata-se de Justino Mártir e Friedrich Nietzsche, sendo que Justino é um dos Padres Apologistas dos primeiros séculos da era cristã, enquanto Nietzsche é um filósofo alemão do século XIX. Após esta primeira questão, a segunda será fazer uma investigação sistemática do pensamento apologista cristão de Justino e da crítica histórica filosófica nietzschiana, direcionada contra o Cristianismo. Como metodologia de pesquisa foi usada a revisão bibliográfica na qual se procurou investigar em livros, dissertações de Mestrado e outros Artigos Científicos, as premissas teórico-metodológicas do fazer teórico-prático por hora proposto. Um esboço das considerações finais deste artigo é que Justino é defensor ferrenho de uma unidade entre o cristianismo e a filosofia grega, especialmente a platônica, Nietzsche pensará da mesma forma, mas buscará denunciar o que ele chama de “Anti Cristo” que é a deturpação das luzes interiores de Cristo em nome da vingança e do ressentimento.

João Victor Lanna de Freitas.

Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto.
Título: *A construção do mau imperador sob a luz do julgamento de Clutório Prisco (21 d.C): repensando a representação e a atuação política do imperador Tibério (14 d.C-37 d.C).*
Resumo: Esta comunicação vai analisar as narrativas de Tácito (Ann. 3. 49) e Dião Cássio (57. 20, 3-4) sobre a acusação movida contra Clutório Prisco (21 d.C). Partimos do pressuposto inicial que as representações literárias de casos judiciais são chaves de leitura importantes para entendermos melhor tanto a realidade sociopolítica do Alto Império Romano quanto as estruturas narrativas que são estabelecidas para a construção das imagens dos personagens históricos envolvidos nelas. Diante de ambos os pontos, a hipótese principal dessa fala é que, no caso de Clutório, há um descolamento entre a representação negativa do imperador Tibério por Tácito e Dião e a descrição de suas ações por esses mesmos autores. Considerando esse cenário retórico-literário, iremos sugerir uma nova possibilidade de leitura para esse caso, menos “imperiocentrista” na qual o papel do princeps e da aristocracia senatorial envolvida será reavaliado.

Letícia Aga Pereira Passos

Mestra pela UNESP-Franca
Membro do G.LEIR/UNESP-Franca.
Título: *MOEDA E ESPACIALIDADE NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: uma análise de poder romano na cidade de Teldor, Israel*
Resumo: É objetivo desta comunicação introduzir e discutir a relação entre a moeda e a espacialidade no contexto identitário. Em específico, traremos sobre este tema, as formas de poder romano na região provincial da Judeia-Palestina na cidade de Teldor em Israel. A cidade de Teldor atualmente é uma importante área arqueológica, apresentando mecanismos de contato cultural tanto pelo viés arquitetônico e urbanístico quanto pela numismática. Trabalhando no período romano, entre o séc. I a.C. ao séc. III d.C., nosso enfoque de análise é observar como a iconografia monetária pode se apresentar como um veículo de discurso ideológico, identificando a cidade e seus ritos de sociabilidade dentro da cultura material.

Marcelo de Mello Ribeiro

Doutorando da UERJ
Título: *O nundinae fez parte de uma rede de comércio durante o Alto Império ou a economia romana era apenas de subsistência?*
Resumo: Ao longo de grande parte da antiguidade clássica, informações sobre o dia do mercado de uma cidade eram divulgados em várias cidades da península Itálica. Este tipo de informação poderia ser pintado ou entalhado em madeira ou algum outro tipo de suporte e colocado no fórum da cidade onde as pessoas poderiam vê-lo ou até mesmo pintado em lápides funerárias. Porém, no início do Império, o crescente hábito epigráfico e uma tendência gradual de buscar monumentalizar a informação levaram certas cidades a publicar os horários do dia de mercado, inscrevendo-os em pedra. Esta prática, efetivamente, desenvolveu as relações comerciais ou foi apenas um modismo do Alto Império. Palavras - chaves: Alto Império, economia, mercados, nundinae.

Mayra Silva dos Santos

Graduada em História pela PUC-Campinas e mestranda em História na Universidade Federal de São Paulo
Título: *Napoleão e o Antigo: Representações de inspiração romana do Imperador.*
Resumo: No início da primeira década de 1800, Antonio Canova, escultor e pintor italiano, é solicitado pelo então cônsul francês Napoleão Bonaparte para produzir uma escultura sua, ícone este que mostraria sua força enquanto herói nacional francês. Em 1806, a obra fica pronta, todavia, Napoleão não seria retratado como um general de guerra francês, mas como uma figura em pé e nua, apenas com uma folha de parra cobrindo suas genitálias: era Napoleão representado como Marte, deus romano da guerra. Durante o império Napoleônico, diversas representações de Bonaparte como uma figura romana, assim como a de Canova, foram produzidas inspiradas no próprio modelo de governo que Napoleão criara: o uso do antigo como forma de legitimação do poder. A presente comunicação tem como objetivo, discutir as obras que trazem o

imperador como uma figura romana, buscando compreender a importância do antigo para a propaganda política de Bonaparte.

Murilo Tavares Modesto

Mestrando em História do PPGH Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES.

Título: *EM TORNO DE ESTÁCIO: sua autorrepresentação como poeta nas Silvae (séc. I EC)*

Resumo: A proposta dessa comunicação é analisar o que o poeta Públio Papínio Estácio (c. 45 – 96 EC) escreveu sobre si mesmo ao longo dos poemas das *Siluae*, de forma a avaliarmos os indícios sobre a posição social de Estácio e compreender suas próprias considerações sobre a atividade de poeta. Assim, apresentaremos os versos que indicam sua condição de vida em Nápoles e em Roma, suas vitórias e derrotas em eventos poéticos e suas práticas de recitações públicas. Trabalharemos com a autoapresentação de Estácio enquanto um *vates*, um poeta-profeta, e seu reconhecimento sobre a diferença da escrita de poemas épicos e ocasionais. Aprofundaremos, especialmente, em torno da composição de poesias de ocasião, um tipo de poesia menos valorizada no período, mas que Estácio se empenha para engrandecer, ainda que, ambiguamente, apresente essa poética como algo menor. Considerando que as representações de si mesmo envolvem interesses do próprio poeta e do grupo social aristocrático com o qual se relaciona, não tomaremos suas autorrepresentações nas *Siluae* como meras informações biográficas, mas ponderando o que Estácio gostaria de falar sobre si mesmo aos públicos dos poemas. Por fim, ponderaremos sobre o *status* social de Estácio como um poeta na sociedade imperial flaviana (69-96 EC).

Pablo Gatt

Doutorando em História Medieval pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo
Membro do Laboratório de Estudos Tardo Antigos e Medievais Ibéricos Sefaradis (Letamis)

Título: *O Discurso Constituinte Paulino da "Boa Nova" no seu distanciamento dos preceitos judaicos e na sua contribuição para a formação do Ethos discursivo cristão*

Resumo: O termo discípulo evidencia aquele que segue e aprende com o mestre. Nos Cristianismos iniciais os discípulos eram homens, segundo o Evangelho (Lc, 6: 13), chamados por Jesus para segui-lo e assim realizar a vontade de Deus, em uma íntima união e comunhão com o nazareno (Mc 3: 14). Aceitando o discipulado, o escolhido viveria em conjunto com os demais discípulos (Jo, 13: 15), dispostos a aceitarem as consequências dessa escolha. O discipulado, então, se caracteriza pela confiança em Deus e na adoção de uma postura humilde, sendo os amigos de Jesus Cristo (Jo 15: 8-15) os que compartilham com Ele toda a verdade emanada pelo Pai. O discipulado é somente uma das faces da moeda, em que do outro lado está a missão que os escolhidos devem exercer. Esses passam a estar encarregados de realizarem, constantemente, o testemunho da palavra divina. Isso porque a palavra missionário que vem do latim, significa missio, envio, que na teologia cristã é o encargo atribuído por

Deus a alguém. Missão e discipulado são as duas faces da mesma moeda, sendo os escolhidos os responsáveis pelas pregações da “Boa Nova” no cenário embrionário dos Cristianismos. É assim que caracterizamos o apóstolo Paulo, como um seguidor e propagador das mensagens do nazareno, embora nunca tenha conhecido Jesus Cristo em vida, uma vez que seus enunciados, em oposição ao preceito judaico da circuncisão, deram abertura para a criação do ethos discursivo cristão.

Renata Cerqueira Barbosa

Doutorado pela UNESP-Assis
Membro do Grupo "Antiguidade e Modernidade: Usos do passado"
Membro do "Gênero, Sexualidade e Sociedades" - USC
Membro do Núcleo de Estudos Antigos e Medievais - Unesp/ Assis
Membro do "Laboratório de Estudos Antigos e Medievais" - LEAM/UEM
Membro do "Laboratório de Estudos dos Domínios da Imagem" - LEDI/UEL
Título: *AS MULHERES NAS EPÍSTOLAS PLINIANAS: Exempla e ousadia*
Resumo: Por meio de uma análise interseccional, este trabalho apresenta uma antiga matrona romana, negociadora ousada que patrocinava grupos de pantomimas e adorava jogos. Trata-se de Ummidia Quadratilla, descrita nas Epístolas Plinianas como uma avó cuidadosa na educação de seu neto, porém dada a vícios. Ao apresentar Ummidia Quadratilla, procuramos refletir a respeito dos papéis atribuídos às mulheres na Antiguidade, da mesma forma que analisamos a recepção desses papéis por parte de autores clássicos e contemporâneos. O fato de termos acesso a essa documentação, bem como, entendermos as opções adotadas por uma matrona romana para adquirir lucros e certo poder, nos faz reavaliar a interpretação dos Estudos Clássicos a respeito das mulheres na Antiguidade.

Ricardo Luiz de Souza

Mestrando do Programa do Mestrado Profissional em História Ibérica – PPGHI - da Universidade Federal de Alfenas-MG.
Título: As Guerras Lusitanas e a construção mítica de Viriato (?-139 a. C).
Resumo: Desde a antiguidade, a Península Ibérica sempre foi uma área muito almejada, pois contava com grandes recursos minerais e um grande potencial para a agricultura e pecuária. Dessa forma, muitos povos buscaram o seu controle ao longo da História, tais como os gregos, cartagineses e, por último, os romanos. Em consequência da derrota de Cartago na Segunda Guerra Púnica (218 - 210 a.C), parte do território da Península Ibérica que depois ficou conhecido como *Hispania, ficou sob* o comando de Roma. O território submetido foi organizado em duas províncias: Hispania Citerior ***e*** Ulterior. A chegada dos exércitos republicanos romanos e das diretrizes do Senado romano, alteraria, profundamente o modo de vida dos mais variados povos que habitavam a antiga Península Ibérica, levando muitos a pegar em armas contra o invasor. Nesse ínterim, destacam-se as chamadas Guerras Lusitanas (155-139 a.C), o conflito com o maior número de fontes greco-latinas sobre o período e que, sem embargo, trouxe-nos a figura de um chefe militar que infligiu muitas derrotas aos

exércitos romanos: Viriato. No entanto, é necessário analisar as fontes greco-latinas que descreveram as Guerras Lusitanas com bastante criticidade, pois elas criaram a visão de que os povos da Península Ibérica pré-romana eram selvagens, bárbaros e incapazes de viver em paz. Com efeito, a visão de um Viriato como "bom selvagem" também foi construída, e com características humildes, havia resistido heroicamente frente a um processo de conquista militar estrangeira. Nesse último caso, temos Viriato e os lusitanos como exemplos latentes de como as fontes greco-latinas ajudaram a criar a visão de uma heroicidade em alguns personagens e momentos históricas pertencentes à conquista romana da Antiga Península Ibérica.

Yuri Augusto de Oliveira

Mestrando no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia

Título: As *Imagines Maiorum* e a *Imago Mortis* na Construção e Desconstrução dos Personagens Políticos na Antiguidade Romana

Resumo: A morte e seus significados transbordam as relações entre os sujeitos e a aniquilação da vida humana, assim como extrapola a relação entre os vivos e os mortos. Mais do que um fenômeno biológico, muito além de um fator natural, a morte não atinge somente os próximos, mas toda uma globalidade social. Tal alcance reveste este fenômeno de ampla significação social, a qual é respondida através da elaboração dos ritos fúnebres e da materialidade de contexto funerário. Nesta comunicação, deter-nos-emos na importância das *imagines maiorum* e da *imago mortis* nos ritos fúnebres e abordaremos o impacto que estes aspectos dos rituais fúnebres de elite exerceram na construção e na desconstrução de personagens políticos da antiguidade.

Simpósio 03: *"Da Antiguidade Tardia ao Medievo... Muitas histórias (séculos III – IX)."*

Coordenadoras: Helena Amália Papa (UNIMONTES) e Janira Feliciano Pohlmann (G.LEIR – UNESP/Franca)

Ementa: Este simpósio temático propõe refletir e divulgar pesquisas sobre temas referentes às sociedades da Antiguidade Tardia ao Medievo a partir de suas especificidades, bem como encontrar pontes possíveis entre esses contextos históricos. Diferentes temporalidades, espaços, objetos, metodologias, teorias e problemáticas promovem histórias plurais que permitem a ampliação de nossos conhecimentos sobre as sociedades de tempos idos e a compreensão das possibilidades humanas. Análises de documentos de natureza diversa são acolhidas para elaborar esta ampla perspectiva histórica. Dessa forma, neste simpósio, busca-se um diálogo interdisciplinar com o intuito de problematizar as "muitas histórias" produzidas a partir de pesquisas e do ensino da Antiguidade Tardia e da Idade Média, bem como os elementos empregados no estudo de suas recepções e apropriações em/por outras épocas históricas.

Ana Carolina Picoli Sotocorno

Mestranda do PPG em História da UNESP
Título*: A NARRATIVA OROSIANA E O OUTRO: Os não-cristãos e a noção de alteridade presentes no Livro VII da obra Historiae Adversus Paganos (séc. V d.C)*
Resumo: Este trabalho objetiva refletir a respeito das temáticas de alteridade presentes no Livro VII da obra *Historiae Adversus Paganos* de Paulo Orósio, escrita no início do século V d.C. Durante o século IV d.C, a religião cristã encontrava-se marcada por diversas heterodoxias e buscava se organizar internamente. A partir da oficialização do cristianismo como religião do Império Romano, o discurso cristão ortodoxo buscará ocupar um espaço hegemônico e acabará montando seu projeto a partir da alteridade com o *outro*, sendo o projeto cristão sempre superior em relação aos demais. A questão é que se o *outro* está tão presente no discurso e na crítica, isso indica que essa ortodoxia não era triunfante. Por sua vez, a narrativa orosiana evidencia um agudo senso de alteridade, definindo quem é e quem não é cristão. À vista disso, hipotetiza-se que havia um projeto de cristianização e de consolidação de uma ortodoxia cristã na Península Ibérica durante o século IV d.C, que acabou não se concretizando e judeus e gentios seguiam ameaçando a autonomia e a consolidação do cristianismo. Desta forma, propõe-se explorar os conflitos envolvendo cristãos, judeus e gentios na Hispânia e as noções de alteridade envolvendo o discurso cristão nos séculos IV e V d.C.

Ana Luiza Romão Braz

Graduanda da Universidade Federal da Paraíba- Campus I- João Pessoa
Título: *Uma breve análise do Livro do Travesseiro de Sei Shônagon: vivência no palácio e papel social da escritora.*
Resumo: O período Heian (794-1185) foi marcado pelo governo do clã Fujiwara, além de se destacar por sua arte, principalmente na literatura. Por esse motivo, a época também ficou conhecida, na historiografia, como “Era de Ouro dos Diários Femininos da Corte”, pois vários escritos foram realizados por damas no palácio. Um deles foi redigido por Sei Shônagon, que em sua vivência na corte do imperador Ichijô, compôs a obra atualmente conhecida pelo nome "O Livro do Travesseiro" (ou Makura no Sōshi), um clássico dentro da literatura japonesa. Com isso, o estudo tem como objetivo refletir as primeiras impressões sobre a obra traduzida no Brasil e, com isso, mostrar pontos que se relacionam acerca da vivência e do papel social de Sei Shônagon durante o seu período na corte e como dama da Grande Consorte Imperial Teishi.

Cristian Oscar Castellanos

Licenciado pela Universidad Nacional de Cordoba. CEH “Prof. Carlos S.A. Segretti”
Título*: El emperador frente a la clase senatorial romana. El caso del prefecto Maximino en las Res Gestae de Amiano Marcelino*
Resumo: La Aristocracia romana ocupo un lugar prominente en esa estructura, con características y particularidades que le dieron sus rasgos identitarios. La misma va a experimentar una evolución constante a partir de la llamada “Crisis

del Siglo III". Los emperadores asumirán diferentes posturas con respectos los privilegios y obligaciones de este encumbrado grupo social. El presente trabajo tiene por objeto analizar uno de los casos más vividos relatados por el historiador Amiano Marcelino en su obra Res Gestae, el del Prefecto del Pretorio Maximino, hombre de confianza del Emperador Valentiniano I frente a los integrantes de la clase senatorial romana.

Érica Cristhyane Morais da Silva

Professora Adjunta de História Antiga UFES
Pesquisadora do LEIR/ES
Editora assistente de Romanitas, Revista de Estudos Grecolatinos
Membro do LEIR-USP, LEIR-ES, GLEIR/Unesp-Franca) e do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico da Universidade Federal de Santa Maria (GEMAM/UFSM)
Título: *Poema, exílio e poder na Antiguidade Tardia: Publílio Otaviano Porfírio (séc. IV d.C.)*
Resumo: A presente proposta de comunicação é resultado de pesquisas realizadas no âmbito do projeto O exílio senatorial na Antiguidade Tardia, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). O século IV d.C. foi um século marcado por significativos casos de exílio. As evidências documentais são as mais variadas possíveis. Encontramos casos de exílio em missivas, em homilias, em códigos e em epigrafias. Uma outra fonte também importante que nos informa sobre casos de exílio na Antiguidade Tardia é o poema, embora esta documentação tenha sido pouco explorada a partir de uma perspectiva da História Política e pela ótica dos historiadores. Os *Carmina figurata*, de Publílio Otaviano Porfírio, se constituem numa fonte de difícil manuseio, mas que oferecem evidências ímpares ao estudo do tema do exílio senatorial na Antiguidade Tardia. Na presente proposta de comunicação, buscaremos apresentar as possibilidades desta fonte e as particularidades das evidências sobre o tema do exílio senatorial tardo antigo em termos da importância dos poemas no contexto da Antiguidade Tardia, no geral, e das características dos carminas figurata, de Publílio Otaviano Porfífio, em particular.

João Victor Machado da Silva

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Comparada – PPGHC-UFRJ
Título: *"Pesado é o coração deste povo": apontamentos sobre o lugar dos judeus na trajetória de Cesário de Arles (502-542)*
Resumo: Cesário de Arles, bispo que atuou no sul da Gália durante a primeira metade do século VI, tem recebido considerável atenção acadêmica nas últimas décadas, sendo destacado como figura-chave no cenário político e eclesiástico de seu tempo, como pregador popular e "reformador da Igreja". Sua relação com os judeus foi objeto de um número relativamente pequeno de estudos, os quais tenderam a privilegiar, por um lado, a investigação de seus esforços para conter tendências "judaizantes" e, por outro, a questão do quão moderada - ou não - teria sido sua postura ante as comunidades judaicas sob sua jurisdição. Neste trabalho discutimos possibilidades de leitura acerca da inserção dos judeus na trajetória e no projeto de poder episcopal de Cesário, tomando como ponto de

partida as principais interpretações colocadas pela historiografia. Com base na leitura das atas de concílios presididos por Cesário, de sua hagiografia e, sobretudo, de seus sermões, sugerimos a pertinência de olhar além da preocupação do bispo com judaizações, destacando o papel do antijudaísmo na própria dinâmica de manutenção do poder episcopal.

Juliana Calabresi Voss Duarte

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação- Universidade Estadual de Maringá
Título: *A "Vida Feliz" para Aurelius Augustinus (354-430)*
Resumo: Este estudo tratará da concepção de felicidade para Aurelius Agustinus (354-430) que está presente em sua obra De Beata Vita (386). Neste diálogo que durou três dias e que aconteceu em Cassicíaco, Agostinho juntamente com sua mãe, amigos e discípulos traz à tona um tema clássico e fundamental para a Antiguidade: a felicidade. Este filósofo e teólogo, nascido em território africano, que viveu entre os séculos IV e V passou parte de sua vida em busca da felicidade. Sobre esta questão, o tagastense e os seus interlocutores chegam a uma conclusão: que não há vida feliz a não ser no perfeito conhecimento de Deus. O homem desejoso da felicidade deve procurar um bem permanente, livre das variações da sorte e das vicissitudes da vida. Aquilo que é perecível e passageiro não significa felicidade e deve ser evitado. Para Agostinho, ser feliz é ser sábio e ser sábio é ser pleno, mas não de bens, pois estes não são perenes. A pessoa para ser feliz deve possuir a justa medida que provém da sabedoria.

Juliano Bernardino de Godoy

Doutorando em Educação – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)
Título: AGOSTINHO DE CANTUÁRIA: trajetórias do cristianismo na Inglaterra
Resumo: Destacamos nesse ensaio a influência e organização da Igreja Inglesa na Idade Média, principalmente, na formação de uma consciência e organização política como religiosa de um cristianismo com suas particularidades próprias em seu território. Conhecer os pressupostos históricos, sociais e religiosos é de grande valia, tanto baseados em intelectuais no campo da historiografia como Hume (2014), Bloch (1987), Ginzburg (2011), como da religiosidade cristã, tais como Cairns (1995), Bettenson (1967) e Oliveira (2017). Santo Agostinho de Cantuária foi um monge beneditino e o primeiro Arcebispo de Cantuária na Inglaterra, também um dos maiores evangelizadores europeus junto com São Patrício na Irlanda e São Bonifácio na Alemanha. A data de seu nascimento é desconhecida, mas estima-se que foi por volta de 520 e faleceu em 26 de maio de 604. O corpo de Agostinho foi sepultado em uma pequena igreja, atualmente uma enorme igreja gótica, a Catedral Cantuária.

Kelly Cristina Bezerra De Menezes Mamedea

Doutoranda PPGHIS/UFMT
Título: Pecadora ou Santa? As faces da Imperatriz Teodora à luz dos escritos Tardo Antigos
Resumo: Ao largo do tempo vários discursos construíram e legitimaram as desigualdades e as diferenças entre homens e mulheres, construindo um tipo de

sujeito dotado de uma identidade determinada, impondo verdades sobre ele, passando a integrar às práticas sociais, contribuindo para a construção de um olhar sobre a vida das mulheres. A história que envolve as mulheres, de uma maneira geral, foi contada através de narrativas feitas por homens que estabeleceram discursos de uma dita “natureza feminina”. As sociedades e a história construíram e reconstruíram as imagens dos personagens femininos a partir de perspectivas e valores masculinos. Seguindo essa abordagem, a proposta da nossa apresentação visa compreender os usos da imagem de uma importante personagem do império romano, qual seja, a imperatriz Teodora, esposa de Justiniano, monarca do império romano oriental no VI século e discutir como sua biografia foi descrita e manipulada de acordo com os interesses do momento histórico. Uma das principais fontes para se entender essa personagem é as narrativas feitas pelo historiador Procópio de Cesareia. Através de suas obras, Teodora é vista como fútil, insidiosa e manipuladora, ao mesmo tempo que nos apresenta uma mulher imensamente poderosa e detentora de enorme influência dentro da trama imperial. Se Teodora foi vista por muito tempo como a personificação da Eva pecadora, de maneira inversa, a Igreja Ortodoxa Oriental consagrou a imperatriz como dotada de santidade e protetora da cristandade. Queremos debater a forma como esse tipo de material oferece um estado de opinião, contra aquelas que não se adequavam ao modelo oficial dominante.

Larissa Rodrigues Alves

Mestranda do PPGH/UNESP-Franca. Bolsista FAPESP.
Título: *O Imperador Juliano e "Os Césares": o humor como defesa e ataque políticos*
Resumo: De todos os governantes do Império Romano, o Imperador Juliano (361 – 363 d.C.) foi aquele cujos escritos sobreviveram em maior abundância até os nossos dias. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é examinar uma de suas sátiras, comumente conhecida como *Os Césares*. Hipotetizamos que ela foi escrita pelo Imperador Juliano como uma forma de defesa política, na medida em que ele se promove como o Imperador ideal mediante as figuras de Alexandre, o Grande (336 – 323 a.C.) e de Marco Aurélio (161 – 180 d.C.), o Imperador estoico. Concomitantemente, nosso personagem realiza um ataque político à dinastia constantiniana na tentativa de legitimar o seu governo.

Macário Lopes de Carvalho Júnior

Professor da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
Título: *O Concílio de Elvira realmente aconteceu?*
Resumo: Tradicionalmente considerado como o primeiro concílio de que se conservam os cânones, o chamado Concílio de Elvira aparece em diversas publicações de história do Cristianismo e estudos tardo-antigos de modo geral sem ter sua existência contestada. A partir de 2001, no entanto, os trabalhos do historiador Josep Vilella e do filólogo Pere Enric Barreda, do Grup de Recerques em Antiguitat Tardana (GRAT) da Universitat de Barcelona (UB), colocaram em relevo as inconsistências linguísticas dos cânones tradicionalmente atribuídos a um concílio iliberritano, os quais são a única evidência documental para a

existência do dito concílio. Em resposta aos argumentos de Vilella e Barreda, Ubiña e Stoomayor coordenaram uma obra em que diversos especialistas procuraram reafirmar a veracidade dos cânones iliberrritanos com base principalmente em análises no campo do Direito Canônico, da Teologia e da História da Igreja. Houve tréplicas de Vilella e Barreda e o debate, embora menos tenso, ainda não ganhou, em nosso entendimento, a repercussão que deveria alcançar. Trazer ao público brasileiro os termos deste debate é o propósito desta comunicação.

Maria Eduarda da Silva Ferraz

Mestranda do PPGH UNES-Franca
Membro do G.LEIR/UNESP-Franca
Título: Sinésio de Cirene: influências político-religiosas e administrativas na província da Cirenaica (séculos IV e V d.C.)
Resumo: A presente pesquisa tem como arco temporal os séculos IV e V d.C., considerados sob a ótica da Antiguidade Tardia, período em que ocorreram diversas mudanças no Império Romano, como a sua divisão em Ocidente e Oriente. O Norte da África ganhou ainda mais destaque na época tardo antiga, local onde concentramos nossos estudos, especificamente, na província de Cirenaica. Através dos escritos de Sinésio de Cirene, onde serão utilizadas 19 de suas epístolas e um de seus discursos, o *De Regno*, buscaremos compreender suas influências político-religiosas e administrativas ocorridas nessa região, evidenciando as mesclas entre tais esferas de poder. Sinésio de Cirene exerceu um papel de notoriedade na Cirenaica. Destacamos sua função como bispo na cidade de Ptolemaida, além do pertencimento de sua família à ordem dos decuriões, cargo esse hereditário. Ele também foi um dos principais alunos do neoplatonismo de Hipátia de Alexandria. Temos como hipótese de trabalho que Sinésio optou pelo bispado para não arcar com os pesados encargos que teria como decurião, ademais de obter maior influência político-religiosa para ajudar a sua região. Apesar de sua escolha, nunca deixou de acreditar em seus conhecimentos filosóficos neoplatônicos, ao contrário, conciliava-a com maestria à sua fé cristã ortodoxa, desempenhando o papel de agente negociador entre as esferas político-religiosa e político-administrativa.

Nathany Andrea Wagenheimer Belmaia

Doutoranda, UFPR
Título: *Auctoritas e soberania na Britannia do século VII*
Resumo: Os reinos de Kent e da Nortúmbria que se localizavam, respectivamente no sul e norte da *Brittania* do século VII, desempenharam um importante papel nesse período. Enquanto o primeiro se distinguia pela sua posição geográfica e as vantagens comerciais que isso propiciava, sobretudo por meio das trocas com os francos, o segundo se destacava, predominantemente, pelo seu poderio militar e reis que conseguiram estabelecer alianças diversas e expandir grandemente o seu território. *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, escrita pelo monge Beda no século VIII, menciona sete governantes que foram soberanos na *Britannia*, dentre os quais, um era de Kent, o rei Æthelberht (591–616), e três eram dos reinos que, posteriormente, se uniram para formar a Nortúmbria, Edwin de Deira (627–632),

Oswald da Bernícia (633–641) e Oswiu da Nortúmbria (641–658). À luz das discussões sobre soberania e *auctoritas*, o objetivo desse trabalho é analisar o contexto histórico-político dos reinos de Kent e da Nortúmbria em um espaço de sessenta anos (*ca.* 600 – 660), apontar as principais relações de poder, sucessões políticas e demais relações relevantes desse ínterim, a fim de examinar o conceito de soberania para essas localidades.

Ramiro Paim Trindade Junior

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria

Título: Os Papéis de Gênero em dois filmes arturianos: algumas conclusões iniciais

Resumo: O texto em questão serve para tratar da pesquisa “Uma história que nunca permanece igual: Análise de transformações na adaptação de ‘A Morte de Artur’ para o Cinema estadunidense ao longo da segunda metade do século XX”. O objetivo desse estudo em curso é identificar as modificações que ocorreram nas representações e discursos que o Cinema produziu na segunda metade do século XX a partir do romance arturiano medieval “A Morte de Artur” e como elas se relacionam com as transformações sociais e culturais desse período contemporâneo. Nesse sentido, enfocamos os personagens presentes nos filmes “Os Cavaleiros da Távola Redonda” (1953, Richard Thorpe) e “Lancelot, o Primeiro Cavaleiro” (1995, Jerry Zucker), e no livro “A Morte de Artur”, a partir de uma perspectiva de gênero. Nossas conclusões preliminares são que as duas produções cinematográficas dialogam com fortes elementos de conservadorismo moral, o que pode ser visto, entre outras coisas, pela apresentação de Arthur como um monarca equilibrado e justo, modelo masculino ideal, conforme explicaremos em detalhes em nossa fala.

Robson Murilo Grando Della Torre

Professor de História Antiga e Medieval da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
Membro do Laboratório de Estudos Medievais (LEME) e do Grupo de Estudos em História Medieval da Unimontes (GEHM/UNIMONTES)
Vice-coordenador do GT de Estudos Medievais da ANPUH/MG

Título: Sobre a ressignificação da controvérsia cristológica nas Gálias (séculos V-VIII)

Resumo: Embora não estivessem diretamente implicadas nos primeiros desdobramentos da querela cristológica que tomou conta do mundo romano entre os séculos V e VI, a região das Gálias foi desde cedo envolvida nesses debates. Já João Cassiano, antes mesmo do concílio de Éfeso (431), fora instado a traduzir algumas cartas de Nestório para o latim a pedido da cúria romana e aproveitou para escrever um longo tratado *Sobre a Encarnação do Senhor contra Nestório*. Nas décadas seguintes, Leão de Roma (440-461) escreveu repetidas cartas a bispos gauleses informando-os sobre os acontecimentos em Calcedônia (451) e exortando-os a se manter fiéis ao posicionamento romano no assunto. Já no século VI, a atitude foi reversa quando o papa Vigílio aceitou se submeter à agenda teológica do imperador Justiniano, provocando uma imensa onda de descontentamento nas Gálias em oposição a

Roma que envolveu até mesmo os reis merovíngios. Esses e outros episódios testemunham o interesse das Gálias pela temática cristológica, porém o entendimento dela feito pelos clérigos locais nem sempre condiz com aquilo que de fato era pautado no Oriente. Afinal, já João Cassiano acusava Nestório de pelagianismo por volta de 430, enquanto os bispos do século VI que se voltaram contra Vigílio acusavam o imperador Justiniano de nestorianismo – uma acusação contra uma corrente doutrinária que ele visava combater! Nesta apresentação, busco fazer uma sistematização da recepção da controvérsia nas Gálias, estendendo-me até o século VIII, momento da produção dos primeiros manuscritos locais que contém material relativo à controvérsia.

Thaís de Almeida Rodrigues

Graduada pela UNESP-Franca. Possuiu Iniciação Científica FAPESP.
Membro do G.LEIR/UNESP-Franca.

Título: Imperatriz Eusébia: as ações políticas e culturais de uma mulher imperial nas obras de Juliano e Amiano Marcelino (Século IV d.C.)

Resumo: A Imperatriz Eusébia foi imortalizada na história por suas ações políticas e culturais no *Panegírico em Honra à Imperatriz Eusébia* de Juliano e na *Res Gestae* de Amiano Marcelino, ambas documentações fundamentais de nossa pesquisa. Tanto a imperatriz quanto os autores, pertencem ao arco temporal do século IV, da Antiguidade Tardia. Eusébia foi a segunda esposa do Imperador Constâncio II (337 – 361), assim demos destaque aos anos do governo desse imperador cujo contexto era de conturbações nas fronteiras do Império Romano, dissidências religiosas relativas ao credo cristão e a luta interna contra usurpadores. Essa imperatriz recebeu o raro presente de ter um panegírico em sua honra em agradecimento as suas benfeitorias em relação ao primo de Constâncio II, Juliano. Eusébia intermediou o encontro entre o Imperador e Juliano, para que este conseguisse provar sua inocência da acusação de conspiração, em seguida, ela intercedeu junto ao Imperador Constâncio para que Juliano fosse estudar na escola de Atenas. Mais tarde, ela apoiou a candidatura dele como César na Gália, indo contra a corte imperial e o presenteou com livros do interesse dele. Todos esses feitos foram também registrados em várias passagens da obra de Amiano Marcelino. Em nossa pesquisa de iniciação científica, buscamos estudar as ações da Imperatriz Eusébia, citadas em nossa documentação, procurando verificar a possibilidade de uma Imperatriz exercer poder diante da corte e do Imperador e interferir em questões políticas e bélicas nesse recorte, o que concluímos ser possível. Em nossa comunicação, buscaremos expor os fatos que nos levaram a tal conclusão.

Simpósio 04 : *“O papel dos intelectuais na construção da Cristandade medieval: educação, ética e política na Baixa Idade Média (séculos X – XVI).”*

Coordenador: Rafael Henrique Santin (IFPR)

Ementa: Este Simpósio se destina à reflexão e à discussão de pesquisas em andamento ou concluídas a respeito do papel dos intelectuais no processo de

desenvolvimento da Cristandade medieval, particularmente na Baixa Idade Média (sécs. X-XVI). Entende-se que o intelectual, tal como o conceituou Jacque Le Goff no século passado, foi um personagem central na constituição do que se convencionou chamar de Cristandade. Ao contrário do que apregoa certa percepção mística do intelectual medieval calcada no senso comum, segundo a qual ele seria uma pessoa especial, ligada ao sagrado, e que estaria acima de qualquer questão terrena, pública ou individual, os homens de saber da Idade Média, para empregar uma expressão de Jacques Verger, eram, sobretudo, homens do seu tempo, ligados à materialidade da vida. Isso significa que seu ofício, ou seja, o trabalho de ensinar e de promover a pesquisa, é de natureza política. Assim, espera-se que o Simpósio se constitua como um espaço destinado ao debate das relações entre educação, ética e política no trabalho dos intelectuais medievais entre os séculos X e XVI, período de desenvolvimento, apogeu e declínio da Civilização Medieval, a fim de que o conhecimento sobre a experiência dos intelectuais de outrora ensine algo de importante sobre o trabalho dos intelectuais na contemporaneidade.

Alex Rogério Silva

Doutorado em Estudos de Literatura (PPGLit/UFSCar)
Título: *O PAPEL DOS INTELECTUAIS NA CONSTRUÇÃO DA CRISTANDADE MEDIEVAL: o caso de D. Afonso X, o Sábio, rei de Castela e Leão e as Cantigas de Santa Maria*
Resumo: Afonso X , “[...] por la gracia de Dios, Rey de Castilla, de Toledo, de Léon, de Galicia, de Sevilla, de Córdoba, de Murcia, de Jaén y del Algarbe...”, é considerado pelos pesquisadores como um grande incentivador da cultura na Península Ibérica do século XIII. Sob seu auspício ocorreu uma grande “revolução” cultural no reino de Castela e Leão em várias áreas, recebendo em seu *scriptorium* sábios e artistas oriundos de diferentes locais e pertencentes às três culturas então dominantes na Península: a cristã, a hebraica e a árabe. As obras empreendidas no *scriptorium* do rei Sábio, para além das questões políticas, visavam, de certa forma, a construção e manutenção da cristandade. Exemplo disso são as *Cantigas de Santa Maria,* produzidas entre os anos de 1270 e 1284 e que evocam a matriz de sociabilidade cristã apontando um vetor de sensibilidade para a comunidade (sensibilidade oriunda da relação que os homens e mulheres medievais tinham com o religioso/sagrado e a sua relação com os milagres que supostamente ocorriam). Nesse sentido, os milagres tinham uma função social e política pautada na conversão dos não cristãos em terras ibéricas, principalmente os muçulmanos, tendo em vista o processo de reconquista que ocorria naquele momento e na manutenção da devoção e fé daqueles que já professavam a fé em Cristo. Com isso, quando executadas, as cantigas ajudavam a expandir os ideais da religião cristã nos territórios recém-reconquistados, como um recurso além da dominação pelas armas. A partir do exposto, esta comunicação pretende apresentar a obra literária *Cantigas de Santa Maria* de D. Afonso X, o Sábio, rei de Castela e Leão e aprofundar as reflexões sobre o papel deste rei no processo da construção da cristandade medieval ibérica, no momento em que ocorria a reconquista, através das armas, mas também por meio dos livros e do conhecimento.

Damião Amiti Fagundes

Professor da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (SEDU), professor do Curso de Licenciatura em História, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre-ES e mestre em Ciências da Educação (Universidad San Carlos, PY).

Título: *NO TEMPO DAS CATEDRAIS: uma abordagem sobre o urbanismo e as edificações na Idade Média.*

Resumo: O presente trabalho enseja uma reflexão sobre a urbanização e as principais edificações do medievo, durante o período da História Universal conhecido como Idade Média. Os estudos sobre a Idade Média vêm passando por várias revisões historiográficas nos últimos anos, incorporando novos estudos, contudo, ao trabalhar o conteúdo relacionado à História das Artes, os professores precisam contextualizar a representatividade de alguns estilos de arquitetura que marcam características da era medieval. Tal monte faz-se necessário na medida em que ao longo do desenvolvimento dos períodos históricos, em especial da época medieval, para atender a demanda de construções de castelos e casas, a Engenharia Civil, ainda que pouco eficiente, contribuiu para resolver as necessidades de habitação e de organização urbanística naquele período. Conclui-se que na medida em que ocorreu o aprimoramento de materiais utilizados nas construções das cidades medievais, a urbanização foi modificada e adaptada às transformações que ocorriam no campo político, econômico e social e que analisar a história das artes, a partir das construções ainda existentes, é uma forma do professor ampliar o conteúdo em sala de aula e promover uma maior relação dos alunos com a realidade daquele período histórico.

Douglas de Freitas Almeida Martins

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso

Título: *“A profecia e a advertência”: emoção, disciplina e representação política no interior da Ordem dos Frades Menores*.

Resumo: Apenas muito recentemente, os historiadores têm voltado suas atenções para o papel das emoções nas sociedades pretéritas. Durante as últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI, no entanto, os modos de sentir, os afetos e os sentimentos têm cada vez mais se convertido em chaves explicativas para os processos históricos. A presente comunicação tem por objetivo analisar a hagiografia de Tomas de Celano à luz da História Social das Emoções. Frade minorita, tido como o primeiro hagiógrafo da Ordem dos Frades Menores, redigiu uma narrativa a respeito da vida e da obra de Francisco de Assis. Desse documento pretendo destacar o capítulo XI, intitulado *O espírito de profecia e as admoestações de São Francisco* para compreender a formação de uma comunidade emocional orientada para a pedagogia dos corpos e das almas de cada membro da Ordem e, desse modo, investigar como esta narrativa retórica funciona enquanto uma representação do poder entre os minoritas, tendo as emoções da alegria e o sentimento de temor enquanto parâmetros fundamentais da política da Ordem.

Jordana Eccel Schio

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História/UFSM. Bolsista CAPES.
Título: *A EFEMERIDADE DO AÇO E A PERENIDADE DO PIGMENTO: Júlio II (1503-1513), o papa guerreiro e o mecenas renascentista*
Resumo: Júlio II (1503-1513) foi ordinariamente associado às atividades militares praticadas durante o período que ocupou o Trono de São Pedro. A fama de papa guerreiro, vulgarizada pelos seus contemporâneos, foi reforçada por parte da historiografia ocidental no decurso dos séculos seguintes. Contudo, durante o seu reinado, o pontífice promoveu, a partir da prática do mecenato, a execução de grandes projetos iconográficos, além de diversas transformações da paisagem urbana da cidade romana. A partir disso, durante a nossa comunicação, vamos desconstruir a representação unilateral de papa belicista, visto que a corte papal não abrigou somente generais, *condottieri* e príncipes-cardeais. Durante os primeiros anos do século XVI, Roma recebeu diversos humanistas que se dedicaram a ampliar o acervo da biblioteca papal, enquanto que os melhores arquitetos trabalharam para Júlio II, entre eles, o seu favorito, Donato Bramante (1444-1514). Ademais, além de vestir armadura e liderar os exércitos pontifícios, Júlio II, também, convidou os melhores artistas de sua geração para que decorassem espaços distintos do Palácio Apostólico. Portanto, nossa proposta se fundamenta no uso político da arte pelo vicário de Cristo, especialmente, a partir da compreensão iconográfica e iconológica do afresco que decora a abóbada da Capela Sistina e o mural *Escola de Atenas*, que integra o ciclo da *Stanza della Segnatura*, feitos, respectivamente, pelos artistas Michelangelo Buonarroti (1475-1564) e Rafael Sanzio (1483-1520).

José Ivson Marques Ferreira de Lima

Graduando do curso de Bacharelado em História. UFPE
Título: *MEDIEVALISMO, BARBARIDADE E ORIENTALISMO: a construção da imagem de Genghis Khan no filme Sangue de Bárbaros (1956)*
Resumo: Nascido no ano de 1162, Temüjin, que posteriormente recebeu o título de Genghis Khan, foi o fundador do Império Mongol. Em 1227, ao falecer, Genghis Khan deixou as bases para um vasto império eurasiano que seus descendentes viriam a estender. Ao longo da história, vários romances, filmes e livros foram produzidos sobre esse líder. Lançado em 1956, *Sangue de bárbaros* (no original: *The Conqueror*) é um filme estadunidense dirigido por Dick Powell e produzido por Howard Hughes. O filme conta a história de Temüjin, interpretado por John Wayne que causa uma guerra ao sequestrar a princesa tártara Bortai que, inicialmente o rejeita. Constituem como partes do enredo principal o amor entre Temüjin e Bortai, a trajetória do protagonista para descobrir o companheiro mongol que lhe traiu e seu empenho para derrotar os Tártaros. Proponho nesta comunicação apresentar uma comparação entre Temüjin (personagem histórico) e Temüjin (personagem cinematográfico) para discutir sobre a construção do Genghis Khan presente no filme, utilizando como base teórica os conceitos de *orientalismo* de Edward Said, de *bárbaro* de Tzvetan Todorov e *medievalismo* de Ute Berns e Andrew James Johnston.

Gustavo da Silva Gonçalves

Doutorando em História/UFRGS. Bolsista CAPES.

Título: *A POLÍTICA DIALÓGICA DE GREGÓRIO IX: uma ferramenta analítica para se compreender os embates entre Império e Igreja (1227-1230)?*
Resumo: A comunicação tem como objetivo analisar a validade do conceito de "política dialógica" aplicado ao pontificado de Gregório IX (1227-1241). Construído a partir de reflexões de diferentes áreas, defende-se que a proposta auxilia a compreender os posicionamentos da Cúria Papal frente a Frederico II (1194-1250), que variou entre a colaboração e o conflito. O foco da comunicação será entre os anos de 1227 a 1230, no período que compreende a primeira excomunhão do imperador, a Sexta Cruzada e o conflito conhecido como "Guerra das Chaves". Os documentos analisados são de cunho diplomático, produzidos tanto pela Chancelaria Papal quanto pela Imperial. Defendemos que esta noção pode ser útil para verificar as mudanças em políticas adotadas ao longo de distintos momentos na história da Igreja, criticando a existência de um suposto programa reformador de caráter unitário e inflexível às contingências sociais. A conclusão, de caráter provisório, aponta que a política dialógica é um instrumento analítico para identificar as tentativas de manutenção da soberania da Igreja, em um momento de crescentes questionamentos à autoridade eclesiástica.

Lívia Maria Albuquerque Couto

Mestre em História (PROHIS/ UFS)
Integrante do Grupo de Pesquisa *Dominium*: estudos sobre sociedades senhoriais (CNPq/UFS)
Título: *ALFONSO VIII E O CLÉRIGO POETA PER ABBAT: princípios de educação e ética em Castela, no século XII*
Resumo: A presente comunicação tem por intuito analisar uma tática de Alfonso VIII ao amenizar as tensões e conflitos, em Castela, durante seu reinado (1158-1214), ou seja, o financiamento de produções literárias. Nesse sentido, destacaremos o *Poema de Mio Cid*, escrito pelo clérigo poeta Per Abbat. Este documento que teria auxiliado o governante ao incentivar virtudes sociais como, por exemplo: "equilíbrio", "lealdade", "cortesia", "generosidade religiosa" e o ideal de "herói/guerreiro". Dessa forma, através de uma inspiração ideológica e política, Per Abbat utilizou de uma história já existente, isto é, a de Rodrigo Díaz de Vivar (E*l Cid*), para destacar modelos e antimodelos que tinham por objetivo mudar a realidade social da corte castelhana, a favor de Alfonso VIII. Assim, o *Poema* foi utilizado como estratégia política por Per Abbat que acabou sendo um importante instrumento propagandista para as relações sociais entre a monarquia castelhana e a aristocracia guerreira/senhorial.

Luciana Alves Maciel

Mestre em pela História/UFMT e membro do *Vivarium* – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo/UFMT
Título*: HELOÍSA (1100-1164): o resgate histórico da abadessa através de suas narrativas*
Resumo: Quem foi Heloísa (1100-1164)? Reconhecida no nosso tempo como a mulher que privou o filósofo Pedro Abelardo de sua "glória", ela atravessou séculos silenciada pela historiografia. Nos últimos cinquenta anos essa perspectiva bem como a necessidade de reconhecê-la como abadessa vem

sendo resgatada. Heloísa narrou sobre o amor, a fé, a educação, o conhecimento e a vida conservando entre os documentos do Paráclito a versão que lhe cabia sobre as calamidades de Pedro Abelardo. Com o que acreditamos ser um autocontrole através de suas narrativas, deu voz a seus sentimentos e confessou seus pecados. Impróprio? Talvez, mas certamente impensado na escrita de uma abadessa no século XII. As cartas privadas de Heloísa tornaram-se de conhecimento público em meados de 1250 e o aparente (des)controle em sua escrita para nós foi uma estratégia que acabou por alimentar uma interpretação equivocada de sua narrativa. Heloísa valeu-se do próprio testemunho para reforçar o acontecimento do qual os dois foram transgressores e padecentes diante dos homens. Não negamos os sentimentos da abadessa, mas procuramos compreendê-la a partir das circunstâncias em que ela fora formada e do contexto no qual as missivas foram redigidas. Igualmente, buscamos entender as especificidades e a complexidade de sua escrita, algo que fez dela uma "adversária" à altura de Pedro Abelardo com quem travou uma batalha no campo do conhecimento.

Paulo Henrique Silva Bezerra

Graduando em História- UFMA
Título: *GUELFOS CONTRA GIBELINOS: DANTE ALIGHIERI E OS DOIS PROJETOS EM CONFLITO – A disputa Regnun versus Sarcedotium*
Resumo: A presente proposta tem como finalidade apresentar um pouco do que irei trabalhar em minha monografia, tentando demonstrar um pouco do conflito secular que existiu entre o Império, representado pelo Imperador do Sacro Império Romano e o Papado, ambos disputando a representação do poder de Deus na Terra. Disputa essa que fica evidente no conflito em os Guelfos e os Gibelinos, sendo os Guelfos aqueles que eram partidários da influência papal sobre as políticas administrativas das comunas do norte da Itália e os Gibelinos aqueles que são partidários da influência do imperador. No presente trabalho iremos abordar o discurso de Dante Alighieri, em sua obra *De Monarchia*, escrita em 1313; no tratado escrito pelo poeta é evidente o seu discurso de apoio e defesa ao poder e a representação do imperador na Terra. O texto é publicado em uma Itália cuja conjuntura político-administrativa encontrava-se, intensamente, dividida e na qual Dante toma parte no grupo dos guelfos brancos – contrários à interferência do poder papal na administração das cidades. Nesta perspectiva, esta investigação pretende averiguar o papel do poder imperial, o impacto deste nas relações que se manteriam com a Igreja e no conflito que se tornou presente entre esses dois grupos nas comunas italianas, haja vista a preponderância daquele em relação a esta e na forma como se conduziriam as relações de política e poder na visão deste escritor em comento.

Veronica Aparecida Silveira Aguiar

Docente UNIR/Pós-doutoranda USP
Título: *Um franciscano controverso? Desconstruções e construções de imagens de Angelo Clareno pela historiografia*
Resumo: Conforme o historiador Felice Accrocca, Angelo Clareno (ca. 1255-1337) é um dos principais expoentes do movimento espiritual franciscano da Marca de Ancona entre os séculos XIII e XIV. Ele propôs fornecer aos seus

discípulos os instrumentos adequados para uma “correta” interpretação da história da Ordem dos frades menores e indicou uma motivação para as perseguições que o seu grupo sofria pela escolha religiosa. Para tal empreitada, frei Clareno escreveu várias obras, dentre elas, a *Liber Chronicarum* na qual segue uma visão histórica-profética e martirológica para narrar a História da Ordem franciscana dos cem primeiros anos, além de afirmar a sua vocação ascética de fidelidade à Regra e ao Testamento de Francisco de Assis (1182-1226). Os escritos de Clareno ainda despertam muitas controvérsias na historiografia que ora ressalta a sua ortodoxia e santidade, ora, os historiadores enfatizam a sua heterodoxia e fanatismo. Enfim, a proposta desta comunicação é fazer um exercício de análise da obra de Clareno, a sua trajetória pessoal e as narrativas historiográficas acerca de um franciscano de um movimento específico.